ALEXANDRE LIMA CARNEIRO

CANCIONEIRO DE MONTE CÓRDOVA

PREFÁCIO DE

REBELO BONITO

EDIÇÃO DA
CÂMARA MUNICIPAL DE SANTO TIRSO
1958

Monte Córdova — Valinhas

Monte Córdova — Penedos. Entre Redundo e a Citânia de Sanfins

Fotografias de Dr. Alex. Lima Carneiro

Monte Córdova, Cabanas — Uma casa coberta de colmo

Fotografia de Dr. Alex. Lima Carneiro

Landim — Igreja do antigo Mosteiro

Fotografia de Dr. Alex. Lima Carneiro

Areias — Coberto de eira

Fotografia de Dr. Alex. Lima Carneiro

Monte Córdova, Redundo — Uma cozinha

Fotografia de Dr. Alex. Lima Carneiro

NO CENTENÁRIO DO INSIGNE ETNÓGRAFO

DR. JOSÉ LEITE DE VASCONCELOS

1858-1958

CANCIONEIRO
DE MONTE CÓRDOVA

ALEXANDRE LIMA CARNEIRO

CANCIONEIRO DE MONTE CÓRDOVA

PREFÁCIO DE

REBELO BONITO

EDIÇÃO DA

CÂMARA MUNICIPAL DE SANTO TIRSO

1958

PREFÁCIO

COMO colaborador do Boletim «Douro Litoral», publicou o Sr. Dr. ALEXANDRE LIMA CARNEIRO, a espaços, grande número de canções tradicionais de Monte Córdova, no concelho de Santo Tirso.

Dada a relativa importância desse material, impunha-se nova publicação, em termos definitivos, com prévia revisão dos textos musicais.

Esse material vai assim classificado:

Romances	1 a 17
Cantos de romeiros	18 a 23
Coreias	24 a 70
Cantigas de trabalho	71 a 80
Toadas de pedreiros	81
Anfiguris	82 e 83
Cegarregas	84 e 85
Lengalengas	86
Arremedos de orações	87
Quadras	88

Para maior facilidade de consulta, elaboraram-se dois Índices, além do relativo aos *Géneros:* o dos *Títulos* e o dos *Íncipits dos Textos*. Conheço a utilidade destes, nos Cancioneiros que os possuem.

Adoptou-se na grafia das solfas, pela primeira vez, um critério que concilia, na medida do possível, o ritmo dos textos literários com os acentos rítmicos das partes musicais. Não fará falta a justificação da nova técnica, mas talvez tenha algum interesse o conhecimento dos princípios em que assenta o que pode considerar-se uma tentativa de uniformização da escrita da canção folclórica, tornando esta apta, desde logo, a entrar nos estudos de tipologia temática e exames comparativos sem necessidade das alterações a que se recorre em face das disparidades actuais, pois, na verdade, não faz sentido que o mesmo ritmo ternário apareça traduzido aqui por um 3/4, ali por um 3/8 e além por um 6/8. Nos ritmos binários, tanto encontramos 2/2, como 2/4 como 4/4. Dir-se-á que, na prática, os efeitos são os mesmos, mas isso não infirma o conceito de que o capricho e o arbítrio algum dia terão de ceder o passo à regra e à disciplina.

Ora, é da Estilística elementar que todo o verso tem seu «acento tónico» e seu «acento predominante»; e pertence, por outro lado, aos Rudimentos da teoria musical que todo o compasso tem seu «tempo forte» e seu «tempo fraco». Nos compassos quaternários é «forte principal» o 1.º tempo e «forte secundário» o 3.º tempo.

Na canção silábica, isto é, quando a cada sílaba do verso corresponde uma só nota da música, é sempre relativamente fácil estabelecer a concordância simultânea do «acento tónico» com o «tempo forte principal» e do «acento predominante» com o «tempo forte secundário».

Seja a quadra:

Que quereis à Carolina?
Que quereis? Ela está bem...
Sim, Carolina, meu amor,
Sim, Carolina, ó ai, meu bem.

O «acento tónico» cai nas sétimas sílabas, mas o «acento predominante» ora afecta a terceira sílaba (versos 1.º e 2.º) ora a quarta (versos 3.º e 4.º).

A quadra lê-se na cantiga «Sim, Carolina», que leva na colecção

o n.º 37. A solfa escreveu-se em compasso quartenário, e, pelo seu exame, se verifica que os «acentos tónicos» acertam com os primeiros tempos dos compassos, que são os «fortes principais», e os «acentos predominantes» com os terceiros tempos, que são os «fortes secundários». A hierarquia da parte poética absolutamente condiz com a da parte musical. A aplicação destes princípios melhormente se entenderá observando o modo como se resolveu cada caso em particular. Conclusões a tirar imediatamente, ei-las:

a) Todas as melodias começam por anacruse.

b) As variações da métrica poética por interpolações, adição de estribilhos ou outras causas, podem alterar o ritmo musical. Exemplos típicos — «Perim», de n.º 35; «Pispautira», de n.º 36.

c) Cantigas do S. João, Chulas, Canas Verdes, Malhões e todas as cantigas destas derivadas levaram à adopção do compasso quaternário.

d) Os Viras reclamaram o compasso 12/8 e não o de 6/8 do uso e costume. Em fórmulas derivadas, o 6/8 intercalado pode ser pedido pela letra, como é o caso das coreias que se apresentam com os n.ºs 59 e 60.

e) A «Tirana» de n.º 33 só resultou eficazmente ritmando-a em 9/8.

A «canção melismática», que se encontra no cancioneiro popular minhoto e tanto abunda no Baixo Alentejo, porque a cada sílaba poética correspondem diversas notas musicais, não pode espartilhar-se nas regras aplicáveis ao «canto silábico». Canções dessa natureza melhor se exprimirão em ritmo unitário, numa sequência de incisos, como o canto gregoriano com o qual geralmente se aparentam.

*

O *Cancioneiro de Monte Córdova* apresenta-nos com grande unidade, formulado, como é, a partir de um pequeno número de tipos melódicos, de formação antiga e profundamente enraizados.

A região é de transição do Minho para a Beira Douro, e, daí, serem

tipos melódicos essenciais o Vira e a Chula-vareira, esta de duas espécies: a mais movida, fortemente ritmada, de que a Cana Verde deriva, e a mais descansada e apropriada ao devaneio lírico, afim da Cantiga ao desafio duriense.

O ritmo do Vira (ver n.ºs 27 a 29) claramente se nos mostra na Tirana, de n.º 33, e nas coreias que levam os n.ºs 59, 60, 61, 63 e 68.

O ritmo da Chula-Cana Verde encontra-se nas solfas de n.ºs 24, 25 e 30, e ainda nos romances «A Condessa» (n.º 16) e «Santa Luzia» (n.º 15); nas coreias n.ºs 37, 38, 50, 54, 55, 69 e 70, e na «Cegarrega» de n.º 84.

A Chula de estilo vocal que leva o n.º 26 reflecte-se no romance «D. Silvana» (n.º 1) e nas Cantigas de trabalho n.ºs 73 e 74, a primeira das quais, pela dolência quer da letra quer da música, não fica mal classificada sob a designação de «Fado», que ostenta. Fado?! Fado, sim.

Eu digo.

Quanto mais me familiarizo com o folclore português mais me capacito de que é possível encontrar em fórmulas melódicas tradicionais e em particularidades rítmicas da música erudita de antanho os antepassados históricos do ritmo fadográfico. Já fui céptico a este respeito; hoje, porém, tantas e tão impressionantes são as coisas do meu conhecimento que o menosprezá-las ou tentar ignorá-las faria violência sobre a honestidade intelectual que me cumpre sustentar. Mas, diga-se também que as minhas conclusões se reportam tão sòmente às origens da estrutura musical.

O romance «Bela Infanta» (n.º 2) e as coreias de n.ºs 35 e 36 seguem a rítmica do Malhão, de n.º 31, com seus ressaibos de Chula.

Chama-se «Batuque» (n.º 34) e «Tango» (n.º 48) a dois tipos melódicos representando aculturações luso-brasileiras, com sensível influência sobre a ritmopeia local. O tipo do «Batuque» vai encontrar-se nas coreias de n.ºs 51, 56 e 58, bem como na Cantiga de trabalho de n.º 71. A coreia de n.º 51 («O carro americano») goza da particularidade rara de ser em tonalidade menor.

A importância do ritmo do Lundum está para o conjunto das coreias infantis do Monte Córdova como o Vira para o das velhas danças de

terreiro. Aponto neste grupo as solfas de n.^{os} 40, 41, 46, 47, 49, 53, 62, 66 e a «Cegarrega» de n.º 85.

O ritmo de Mazurca aflora na «Condessa», de n.º 17, e na coreia de n.º 57. Aquele romance mimado apresenta-se, pois, sob dois aspectos musicais: este de n.º 17 e o de n.º 16, já assinalado a propósito do ritmo de Chula-Cana Verde. Assim é também no Brasil, com surpreendentes analogias melódicas (ver GUILHERME MELO, *A Música no Brasil*, págs. 80 e 83).

Fazem parte da presente colectânea, embora não tenham sido recolhidas precisamente em Monte Córdova, cinco Cantigas do S. João, uma de movimento descansado, dotada de estribilho para o coro (n.º 20), e quatro de ritmo mais vivo, semelhantes entre si pela linha melódica, próprias para o desfile (n.^{os} 18, 19, 21 e 22). Nas de n.^{os} 18 e 22 o solista lança dois versos de cada vez, e o coro repete, a duas vozes de contraponto. A de n.º 22 é dada como «S. João novo» e a de n.º 18 como «S. João velho». Estes qualificativos de «velho» e «novo» hão-de por força entender-se com a letra, pois nas solfas, que são idênticas, nada se nota de anormal ou distinto.

Algumas canções, aliás, em número pouco elevado, não é possível enquadrá-las em determinados grupos melódicos. Está nestas condições o romance «Santo António de Pádua» (n.º 14); «Ciranda» (n.º 32), que só com boa vontade classificaríamos entre as de ritmo de Vira; «Tum-tum» (n.º 42), que é um produto híbrido; «Órfã» (n.º 72), protótipo da modinha de salão, e o «Anfiguri» de n.º 82, que poderíamos incluir no grupo regido pela Chula de estilo vocal.

*

Subordinada ao n.º 81 vai uma Toada de pedreiros que merece um pouco de atenção.

Nos *Cantares do Povo Português*, de RODNEY GALLOP, e em *O Vinho Verde na Cantiga Popular*, de MARIA C. PIRES DE LIMA e FERNANDO DE

CASTRO PIRES DE LIMA, reproduzem-se umas toadilhas com que os alvanéis sincronizam seus esforços quando se trata de mover em boa direcção e em perfeito equilíbrio qualquer pesado bloco já aparelhado. Ouvem-se, geralmente, ao pretender deslocar-se por escorregamento uma pedra aparelhada, ao longo de fiada assente e aleitada. Sendo a pedra da largura da superfície de escorregamento, há que impeli-la com pequenos impulsos que tendam à progressão, mantendo-a ao mesmo tempo constantemente aprumada e em boa posição de avanço. É o que poderíamos chamar o funambulismo das pedras.

Usam-se, como alavancas, ponteiros de ferro que se entalam em três pontos: à direita, à esquerda e na retaguarda do sentido da marcha.

O cantador coloca-se a um dos lados e vai dizendo: *Ou, pedra, ou! Ei, pedra, ei! Ei, rola, ou! Ei, pedrita, ei!*. Se nota que o bloco tende a fugir para o lado oposto, clamará: *Ei, manda, ei!;* se para o seu lado, dará a entender ao seu contrário que não puxe: *Ou, alivia, ou!;* retoma-se a progressão dizendo ao da retaguarda: *Ei, empurra, ou!*.

Numa toada que recolhi nos arrabaldes da Póvoa de Varzim surpreendi, para o avanço, as seguintes vozes:

Ou, pedra, oupa!
Ou, anda, ei!
Ou, anda pedra, ou!
Ala! Oupa!
Ou e ou e oupa!
Ou, anda pedrinha, oupa!

Para advertir do desencontro dos esforços laterais, ouvi:

Oupa, anda certo, ou!
E ou, pega certo, ou!

Para o da retaguarda:

Ou, dá de trás, e ei!

Quase no final:

E ou, 'stá a chegar, e ei!

A cada uma destas vozes seguia-se uma pausa respiratória. Durante as falas colocavam-se os ferros em posição, e ao chegar às pausas, após um *ou!*, um *oupa!* ou um *ei!*, puxava-se seco e rijo.

Esta cantilena começava descansadamente por uma série de quatro incisos formando melodia dolente, com seus ressaibos de canto espiritual. Seguidamente, o ritmo tornava-se mais vivo e os incisos mais breves. Estes tiravam-se agora de qualquer dos incisos iniciais. Compreendi, então, que as Toadas de pedreiros podem tomar aspectos singelos, despretensiosos, e ficarem reduzidos, inclusivamente, a meras células musicais, tratando-se de cantadores de pouca monta; os bons cantadores saberão expor uma melodia temática e fragmentá-la, adaptando-a às mais variadas circunstâncias da ocasião. Pede-se pressa amiudando os *ous!* e os *eis!* e dá-se uma folga espaçando as respirações melódicas. Em vias de conclusão da tarefa, o canto enfeitar-se-á com garganteados e «cadências picardas», tornando-se clara, alegre, brilhante, como soía a antiga polifonia sagrada. Toadas deste género não é favor considerá-las pequenas obras-primas, pela excelência dos temas e arte da variação.

Não sei até que ponto me é lícito pensar numa continuidade histórica de ideias e sentimentos ao ponderar o significado profundo do acto praticado pelos alvanéis falando às pedras. Os Hebreus tinham para a abertura dos poços uma canção que podia tomar-se como sinal de contentamento, mera canção de trabalho ou fórmula destinada a mover propiciatòriamente as forças naturais implicadas no manar da linfa.

Ó água, desabrocha!
Cantemos em seu louvor!
Ó poço que os chefes abriram
com seus ceptros, seus bastões,
dádiva do deserto!

Em Portugal tem-se comparado as Toadas de pedreiros não só a Cantigas de habaular, com que os zagais dialogam de monte a monte, mas também a Cantigas de afoular ou haboiar, com que se anima o gado nas vessadas (1).

Estas últimas aparentam-se entre si, mas, bem vistas as coisas, não têm relação alguma com as primeiras, nem quanto à forma nem quanto à intenção.

*

Já ficou assinalada a existência de aculturações luso-brasileiras a propósito de Tango e Batuque, embora, provàvelmente, estas designações se não entendam precisamente com os géneros assim designados no Brasil.

Em todos os outros grupos abunda o estilo sincopado e são notáveis as semelhanças melo-rítmicas de grande número de canções de Monte Córdova, afins da Chula, Malhão, Cana Verde e Cantigas do S. João com solfas das Cheganças e Reisados brasileiros.

---

(1) «Habaular» ou «haboiar» — do cast. *hablar*, falar. Daqui, também, em grafia correcta, «haboio» e «haboiado».

«Afoular» — do gal. *afalar*, estimular o gado para que ande.

O termo *habaular* foi recolhido por GONÇALO SAMPAIO, que o registou no seu *Cancioneiro Minhoto*, grafando *abaülar*. O ilustre etnógrafo e sábio naturalista não meditou sobre o étimo, pois, a tê-lo feito, escrupuloso como era, não deixaria de escrever com *h*, respeitando a lógica. Por força do mesmo étimo, e remando contra a rotina, aqui se escreve *haboiar*, no sentido de *afoular*, de «cantar ou falar aos bois». A Etnografia irá exigindo estas e outras depurações, à medida que os estudos forem progredindo.

Tem-se como certo que o estilo sincopado trai influências negróides na transformação sofrida pela canção portuguesa em Terras de Santa Cruz, nos tempos coloniais.

Salta à vista que o negro angolano, ao passar para o Novo Continente levou consigo a sua música fortemente sincopada e tenderia a imprimir esse mesmo estilo a toda a solfa ouvida ao Luso. Mas, a verdade é que semelhante estilo já existia, em certa medida, na música europeia, popular e culta, como estão a comprová-lo textos dos Cancioneiros ibéricos dos séculos XV e XVI e melodias arcaicas do folclore português, virgens da influência natural dos movimentos de entusiasmo e paixão, que tanto afectam o negro como o branco. A diferença de temperamentos rácicos é que os ditará mais prontos, vivos e insistentes num e mais atenuados, mais disciplinados no outro. O ritmo sincopado, tal como se processa nas espécies fadográficas, podia também surgir cá no Continente, por sucessivas metáboles do compasso 12/8, ainda tão arreigado no Minho, e tão familiar às populações do litoral, dadas a regular o seu canto, consciente ou instintivamente, pelo movimento embalador das águas. Ajuíze-se comparando a «Nau Catrineta» publicada por GUILHERME MELO, a pág. 39 do seu livro *A Música no Brasil,* com a Chula Vareira e a Cantiga de trabalho que levam no presente Cancioneiro os números 26 e 73.

1. Tris-te vi-da a de ma-ru-jo — Qual de-las a mais can-sa-da—

2. Sou can-ta-da sou bai-la-da — Sou— bem de to-da a ma-nei-ra

3. Ra-pa-zes, vos vou con-tar— to-da a mi-nha in-f'li-ci-da-de

Três expressões da mesma ideia rítmica: — 1. «Nau Catrineta» (GUILHERME MELO, *A música no Brasil,* pág. 39); 2. «Chula Vareira» (A. LIMA CARNEIRO, *Cancioneiro de Monte Córdova,* n.º 26); 3. «Cantiga de trabalho» (*Loc. cit.*, n.º 73).

Metáboles de ritmo deste e outros géneros são correntes no folclore português. Em todo o caso, e qualquer que seja a explicação do fenómeno,

o certo é que o folclore musical de Monte Córdova se sente nìtidamente influenciado pela ritmopeia brasílica.

*

A linguagem rústica oferece-nos um curioso panorama em que os termos evoluídos para além dos limites fixados pelos filólogos convivem amenamente com os mais saborosos arcaísmos.

Casos correntes de dissimilação:

Chigar, por «chegar».
Imbora, por «embora».
Sarrar, por «cerrar».
Seragoça, por «Saragoça».

Curiosa a dissimilação da conjunção *e* em *a* na quadra:

Ó meu amor, anda, anda,
eu quero-te ver andar;
eu quero ver o teu brio,
a *mais o teu passear.*

A dissimilação em *tamém* pressupõe evolução fonética gradativa:

Também → *tammém* → *também*

Vulgaríssimos são ainda os casos de aférese, sobretudo em formas verbais:

Tem letra que diz
... ...
Traz de lá dinheiro
para nos casar.

Estas meninas de agora
traz *saia travada*
... ...

... ...
Corre *as galinhas pró milho*
enche *o papo como as mais.*

Em formas substantivas encontrei *farrapado* por «esfarrapado».

Casos de prótese: *arrecebeu*, por «recebeu»; de anaptixe: *felauta*, por «flauta».

Metáteses, também abundam. Cito a menos corrente: *proque*, por «porque».

Arcaísmos, aliás, correntes na linguagem de todas as classes, denunciando a presença das antigas formas *lo* e *la* do artigo definido, são o *ó*, o *pró* e o *prá*. Também é do velho falar *le*, por «lhe» e *na* por «a» a seguir a *m* final:

A moda do Batuquinho
quem n'*havia de inventar?*
... ...

Menos familiar em nossos dias é a forma *lo* que toma o artigo após o infinito verbal, exactamente como o pronome pessoal em circunstâncias semelhantes:

É um regalo ouvi-lo
... ...
cantar (d)o galo
... ...

Na flexão verbal surpreende-se *foi* por «fui» e *alumeia* por «alumia». A lógica deste último caso está em que o povo, no seu simplismo, não distingue entre *lume* → *alumear* → *alumeia* e *nome* → *nomear* → *nomeia.*

Paradigma de negação reforçada oferece-nos a palavra *desinfeliz* na quadra:

Rapazes, vos vou contar
toda a minha inf'licidade:
sempre foi desinfeliz,
até na mesma amizade.

Na «Rolinha» (n.º 58) depara-se-nos um termo empregado por equívoco, como tantas vezes sucede, sobretudo entre analfabetos:

A rolinha se queixou
de que l'alargaram *o ninho...*
Para que o fizeste, rola,
à beirinha do caminho?!

Pois, *alargaram* está por «alagaram», na acepção de «destruíram».

Também na «Condessa» (n.º 17) ao cerimonioso *vós* não corresponde verbo no plural, mas no singular:

Disseram a mim, Condessa,
Vós *que* tinhas *muitas filhas...*
... ...

Note-se, de passagem, o *disseram a mim,* mais correcto que o pleonástico «disseram-me a mim» da linguagem culta.

E, para fecho destas breves considerações, citarei dois primitivismos: *pavom* e *malo*, muito próximos dos seus étimos *pavonem* e *malum*, tal como os correspondentes castelhanos *pavón* e *malo*.

Eis os textos:

N.º 74. — Pavão

Antoninho, como criança,
uma pedrinha atirou;
a brincar com os estudantes,
sem querer um pavom *matou.*

N.º 84. — A Velha

Era uma velha
que tinha um gato,
debaixo da cama o tinha.
O gato miava,
a velha dizia:
— Malo *haja o teu miar,*
malo *haja o teu miar,*
que me não deixa dormir
nem tão-pouco descansar!

Nesta antiga Lengalenga a mais correcta acepção de *malo* parece-me a do correspondente termo castelhano — «diabo». Por consequência, *malo haja!* perfeitamente equivale a *diabo leve!*

Estas invocações do castelhano trazem à balha uma particularidade da Jota aragonesa, apontada por ARCADIO DE LARREA (ver *Anuário Musi-*

cal, II, Barcelona, 1947, 180-181). Quer na copla quer no estribilho da Jota as quadras revestem-se, por vezes, de finais cómicos:

Te acuerdas cuando dabas
las peras pela gatera
y tu madre que lo supe
emprendió el tocino a pizcos?

E este:

Como sé que te gusta
l'arroz con leche
por debajo la puerta
te echo un ladrillo.

Pois também por Monte Córdova se canta anfiguriticamente:

Em Lisboa se formou
palácio de grande altura.
Casa cheia tem fartura...
Quem doba tem seu sarilho...

Este género de brincos poéticos, que reputo gerados no bilinguismo cacofónico dos Motetes franceses da Baixa Renascença, onde se sobrepunha, com desenvoltura, letra profana ao latim do cantochão, foi hàbilmente adaptado pelo nosso Gil Vicente, que lhe chamou, com foros de originalidade, *ensaladas* ou *enselladas*, e as fez. A do *Auto da Fé*, ele mesmo disse que viera da França (a música?). E começa assim:

En el mes era de Maio,
vespora de Navidad,
cuando canta la cigarra.

Quem ora soubesse
onde o amor nacesse,
que o semeasse.
... ...

Coisa tão antiga e desopilante, não admira que o povo português a assimilasse e um pouco por toda a parte gostasse de cantar:

Fui ao pinheiral aos cachos,
ensaquei-me de laranjas,
veio o dono da figueira:
— Ó ladrão, deixa as castanhas!

Faustino Xavier de Novais não teve mais do que inspirar-se na tradição para escrever os verbos de «Tudo assim vai»:

Como é triste a Primavera
quando, ríspida e severa,
adormenta a natureza;
quando as árvores despidas,
e as plantas murchas, caídas,
infundem negra tristeza!

Lá no fundo do Oceano
canta o rouxinol, ufano,
por comover corações;
e os peixes, entre os raminhos,
adejando em torno aos ninhos,
entoam lindas canções.
... ...
... ...

*

O Cancioneiro de Monte Córdova, que o Sr. Dr. ALEXANDRE LIMA CARNEIRO em boa hora decidiu reeditar, não é despido de interesse, como se vê, e representa, além de tudo o mais, uma achega importante para o estudo das mútuas influências de Portugal e do Brasil nos domínios do folclore musical. Vem precisamente na ocasião em que se procura estruturar as bases de uma Comunidade que seja pela língua, pela cultura e pelos valores espirituais uma potência do maior relevo no concerto das Nações.

REBELO BONITO

INTRODUÇÃO

Há bastante tempo que pensava em reunir os romances e as canções populares colhidos em Monte Córdova e publicados em vários números do «Douro Litoral».

Tornava-se, porém, necessário fazer uma revisão do que se encontrava publicado e arrumar devidamente a colheita obtida.

Afazeres de vária ordem foram protelando durante alguns anos esta publicação.

E só agora chegou a oportunidade de se arquivar neste «Boletim» o que se encontrava disperso.

Mas estou convencido de que, se não tivesse recebido do Sr. Eng.º Rebelo Bonito palavras de estímulo para reeditar este Cancioneiro, ainda hoje não teria dado conta da tarefa.

Ao Sr. Eng.º Rebelo Bonito que, depois de rever as músicas, orientou a sua classificação e valorizou este trabalho com as notas que o antecedem, apresento aqui os meus sinceros agradecimentos.

*

Monte Córdova, que é, no dizer de Camilo, uma «serra que se empina e ondêa com suas fragosíssimas encostas até á villa de S. Thirso» [1] está situada a leste da sede do concelho de Santo Tirso à qual fica sobranceira.

---

[1] C. Castelo Branco, *A Bruxa de Monte Córdova*, pág. 206 (1.ª ed.).

A Freguesia de S. Salvador de Monte Córdova é uma das mais populosas do concelho e a maior em extensão.

É essencialmente agrícola: cultiva sobretudo milho, centeio e linho.

Pode justamente considerar-se o celeiro do concelho.

Desdobra-se em Monte Córdova de Cima, cuja altitude é cerca de 500 m, e Monte Córdova de Baixo.

Monte Córdova, que era de difícil acesso, é hoje servida por uma estrada que liga Santo Tirso a Paços de Ferreira, e quase todas as suas aldeias estão ligadas por caminhos ou estradas transitáveis.

Segundo o Padre Carvalho (1), Monte Córdova teve um mosteiro beneditino fundado no século X pelo pai de S. Rosendo.

S. Rosendo, filho do Conde Guterre Arias e da Condessa Ilduara, foi político, santo e guerreiro. Na igreja de S. Miguel e Couto — freguesia contígua a Monte Córdova — teria sido, segundo nos conta o mesmo autor, baptizado o grande santo (2).

No Monte do Padrão pode ver-se um Castro luso-romano cuja exploração se encontra ainda incompleta (3).

A freguesia abrange os seguintes lugares: Aldeia Nova, Agrelo, Barreiros, Cabanas, Cancela da Ribeira. Casais, Cortegosa, Cortinhas, Costa, Espinheiros, Frengo, Igreja, Laje, Lajedo, Lameira, Linhares, Moinhos, Monte, Meroucinhos, Hortal, Molelo, Padrão, Passos, Pereiras, Ponte

---

(1) P.e ANTÓNIO CARVALHO DA COSTA, *Corografia Portuguesa*, 2.ª ed., pág. 186.

(2) Vid. J. A. PIRES DE LIMA, *São Rosendo*, Nuno Álvares do séc. X. Ext. do «Ocidente», vol. IV, 1938; ALBERTO PIMENTEL, *Santo Tirso de Riba d'Ave*, Santo Tirso, 1902, e D. GABRIEL DE SOUSA, *Um Tirsense na glória*, in «O Concelho de Santo Tirso — Boletim Cultural», vol. II, pág. 363.

(3) Vid. CARLOS MANUEL FAYA SANTARÉM, *O Castro do Monte do Padrão*, in «O Concelho de Santo Tirso», vols. I e III.

Nova, Quinchães, Real, Redundo — onde nasce o Rio Leça — Redundo da Ribeira, Rola, Sala, Santa Luzia, Valinhas, Vila Meã e Vilar.

Tinha em tempos uma indústria caseira de lacticínios.

O povo é de boa índole, de bons costumes e saudável.

Convivendo com os seus habitantes, aparentemente pouco comunicativos, e percorrendo os lugares que compõem Monte Córdova, tenho a noção de que recuei algumas dezenas de anos na evolução da vida: — volto por momentos aos tempos saudosos da mocidade e recordo os meus antepassados queridos, os carinhos do lar e algumas cenas campestres a que assisti.

E, ao fazer o confronto entre a vida de outrora da gente humilde do campo da minha freguesia (Areias — Santo Tirso) e a actual, sou obrigado a reconhecer que há uma grande e profunda diferença.

A população tinha carácter acentuadamente agrícola.

Os pais dedicavam-se à lavoura, e os filhos, nascidos e criados em contacto com a terra, seguiam sem queixumes o mesmo modo de vida e a ela se dedicavam.

Agora o amor pela lavoura desapareceu quase completamente, e a aspiração máxima dos chefes de família é empregar os seus descendentes — rapazes ou raparigas — nas fábricas.

Ser operário é ofício tentador: o trabalho está limitado a poucas horas diárias; os operários têm bastante liberdade, e a remuneração é superior à da lavoura.

Os pais não hesitam em manter os filhos desempregados... até que estes atinjam a idade de entrar na fábrica.

Chega a ser considerado humilhante o apego ao arado ou à enxada.

Noutros tempos naquela minha aldeia natal, por ocasião da sacha do milho, ranchos de mulheres, nos campos, ou, à noitinha, no regresso do trabalho, entoavam em coro canções alegres. Hoje a sacha é mecânica, e as mulheres que ainda se empregam a completar o trabalho da máquina

mantêm-se todo o dia quase emudecidas, sem que das suas bocas saia a mais pequena canção.

Com as vindimas sucede o mesmo. Desapareceu a alegria comunicativa doutros tempos.

A mulher da aldeia já não sabe cantar.

Vêem-se por vezes grupos de raparigas ao longo das estradas no regresso da oficina. Mas aquelas já não têm as cores rosadas e sadias das mulheres que antigamente se dedicavam à vida da família e aos trabalhos rústicos. Predomina a palidez doentia.

Os trabalhos agrícolas decorrem agora num ambiente de monotonia impressionante.

Em Monte Córdova, porém, ainda se encontram, arreigadas nos seus habitantes, as tradições que no resto do concelho já se torna difícil encontrar.

Monte Córdova pode considerar-se ainda como um relicário das tradições de Santo Tirso; receio, no entanto, que as facilidades de comunicação que nesta freguesia se vão acentuando, venham a apagar, pouco a pouco, todas as tradições populares que ainda por lá existem e que noutras terras já vão rareando.

Impunha-se que alguém se interessasse, sem demora, pelo estudo da terra.

*

Em 1938 o interesse por assuntos etnográficos e pela fotografia levaram-me a fazer algumas excursões a Monte Córdova. Dois amigos — um dado a assuntos etnográficos e outro hábil fotógrafo-amador [1] — serviram-me de guias.

Tive ocasião de verificar, nas rápidas visitas que ali fiz, que em algu-

---

[1] Os Srs. José Francisco da Costa, já falecido e Manuel Eduardo de Sousa.

mas cozinhas dos lavradores ainda se encontravam preguiceiros, mancebos, cremalheiras, saleiros de cortiça, cantareiras, préguas, etc..

Colhi, por essa ocasião, em Santa Luzia e Redundo algumas quadras populares.

Quase todas de rara beleza [1].

Em Monte Córdova dança-se e canta-se nos serões que ali se realizam em algumas casas, durante as noites de Inverno, após as *fiadas* do linho.

Durante a sacha do milho e, sobretudo, pelas Trindades, no fim do trabalho, as mulheres, aconchegando-se bem e aproximando as bocas para que os coros saiam mais perfeitos, entoam lindas canções.

Rapazes e raparigas cantam e dançam por ocasião das *ripadas,* aí pelo mês de Julho, após a *arriga* [2].

As canções e as danças também não são esquecidas no fim das malhas do centeio que acabam sempre ao som das violas e dos malhos, que *entoam* na pobre palha, depois de largar todo o grão.

E nos meses de Setembro e Outubro, nas espadeladas, ameni-zam-se os trabalhos com a Chula, a Chula Vareira, a Moiraria, o S. João, O Vira...

Vão assim os habitantes de Monte Córdova tornando a faina dos campos mais alegre e menos dura.

*

Ao Sr. Luís C. Barbosa agradeço penhorado as músicas que pacientemente recolheu e todas as informações amàvelmente fornecidas.

---

(1) Em Monte Córdova chamam «canções de lameiro» àquelas que não têm melodia.

(2) Arranque do linho.

I — ROMANCES

Alguns dos romances de Monte Córdova apresentando por vezes passos que revelam nítido aspecto de criação local, são conhecidos noutras terras com designações diferentes.

1 — *D. SILVANA*

Indo a D. Silvana,
Pelo corredor acima,
Acordou seu pai e mãe
Com estrondo que fazia.

Guitarra

Cantor

In-do a Do-na Sil-va-na pe-lo cor-re-dor a-ci-ma, a-cor-dou seu pai e

mãe —— Com es-tron-do que fa-zi-a, a-cor-dou seu pai e

Guitarra

mãe — Com es-tron-do que fa-zi-a

etc.

— Tu que tens, dona Silvana?
Tu que tens, ó minha filha?

— Sete manas que nós éramos,
Estão casadas, têm família;
Por eu ser a mais formosa,
P'ra um canto ficaria.

— *Não tenho com quem te case,*
Não vejo quem te mereça.
Só se for o Conde Alberto,
É casado, tem condenssa.

— *Então mande-o chamar,*
Da sua parte e da minha.
O Conde, que era conde,
Logo disse: sim, que vinha.

— *Aqui estou, real senhor,*
Que quer vossa senhoria?
— *Quero que mates a* condenssa
P'ra casar com minha filha.

— *A* condenssa *não na mato,*
Que a morte não merecia.
Mando-a p'rà terra dela,
Donde pai e mãe teria.

— *Cala, conde, cala, conde,*
Não te ponhas com profia;
Ou tu matas a condenssa,
Senão eu tiro-te a vida.

— *A* condenssa *não na mato,*
Que a morte não merecia.
Mandarei-a *p'ra um convento,*
Mais alto não haveria.

Le *darei o pão por onças,*
E a água, por medida,
O bacalhau às arrobas,
E *assim lhe tiro a vida.*

— *Cala, conde... cala, conde,*
Não te ponhas com profia;
Olha: tu mata a condenssa,
Senão eu tiro-te a vida.

— *A* condenssa *não na mato,*
Que a morte não merecia.
Mandarei-a botar ao mar,
Que a água a abafaria.

— *Cala, conde... cala, conde,*
Não te ponhas com profia.
Ou tu matas a condenssa,
Senão eu tiro-te a vida.
E *tu me trarás a língua,*
Nesta branquinha bacia.

Foi o conde para casa,
Muito triste que ele ia;
Mandou fazer sua cama
Para fingir que comia;

Mandou pôr sua mesa,
Para fingir que dormia.
As bagadas eram tantas,

Já pela mesa corria;
Os *suspiros que ele dava,*
A mesa estremecia.

— Tu que tens, ó conde Alberto?
Tu que tens, ó prenda minha?
Conta-me as tuas tristezas,
Para mim, com alegria.
— Manda el-Rei que te mate
P'ra casar com sua filha.

— Cala, conde... cala, conde,
Isso remédio teria;
Manda-me p'rà minha terra,
Onde pai e mãe teria.

— Isso le *disse eu, Senhora!*
Mas el-Rei não consentia;
Que a matasse eu, Senhora,
P'ra casar com sua filha.

— Cala, conde... cala, conde,
Isso remédio teria;
Manda-me p'ra um convento,
Mais alto não haveria.

Me darás o pão por onças
E a água por medida;
O bacalhau às arrobas,
Assim me tiras a vida.

Isso le *disse eu, Senhora!*
Mas el-Rei não consentia:
Que a matasse eu, Senhora,
P'ra casar com sua filha.

—*Cala, conde... cala, conde,*
Isso remédio teria;
Manda-me botar ao mar,
Que a água me abafaria.

—*Isso* le *disse eu, Senhora!*
Mas el-Rei não consentia;
Que a matasse eu, Senhora,
P'ra casar com sua filha,
E que le *levasse a língua,*
Nesta maldita bacia.

—*Tu não me mates com faca,*
Nem com coisa que me fira;
Mata-me com uma toalha,
Com esta de lona fina.

Deixa-me dar um passeio,
Do sobrado até à cozinha,
A dizer adeus às moças,
E às amas que eu tinha.

Adeus, alecrim do norte,
Espelho donde me eu via;
Adeus, ó janelas verdes,
Donde me eu espairecia.

Dai-me cá aquele menino,
Que o quero abraçar.
Dai-me cá também aquele,
Também o quero beijar.
Inda *me dai mais aquele*
Le *quero dar de mamar.*

Mama, mama, meu menino,
Este leite de pesar;
Amanhã por esta hora,
Tua mãe a sepultar.

Mama, mama, meu menino,
Este leite da amargura;
Amanhã por esta hora,
Tua mãe na sepultura.

Tocam os sinos em palácio,
Ai, Jesus, quem morreria?
Tornaram a repetir
É ao Rei e sua filha;
Tocam a Dona Silvana
Pela sua soberbia.

— Casados e bem casados,
Vivendo com alegria;
Descasá-los e mal casá-los,
Coisa que Deus não fazia.

Este romance corresponde ao Conde Yano do *Romanceiro* de GARRETT. A semelhança é bem nítida. O enredo é o mesmo. Há, porém, algumas

cenas que diferem: enquanto no Conde Yano, no 11.º verso, são mencionadas três irmãs, na nossa D. Silvana aparecem sete.

O pretendido noivo de D. Silvana chama-se Conde Alberto, ao passo que na lição de GARRETT nos aparece o Conde Yano, que dá o nome ao romance.

A discussão sobre a morte da condessa é, no romance que agora se publica, mais demorada. E é curiosa a forma pela qual se mataria a condessa: dava-se-lhe a água por medida e o bacalhau às arrobas. Enquanto na versão de Monte Córdova a princesa desejava que o conde lhe apresentasse a língua da condessa, no Conde Yano era a cabeça que deveria aparecer numa «doirada bacia».

Na variante de Monte Córdova a despedida da condessa é mais impressionante. Na lição de GARRETT morre apenas a infanta, ao passo que na nossa morrem o rei e a D. Silvana, sua filha.

Na versão publicada nas *Tradições Populares de Santo Tirso* (1), o pretendido de D. Silvana chama-se Conde Alberto e o conde, depois de ter matado a esposa, deveria levar o coração da vítima ao rei.

Este romance é também conhecido por Conde Alardos (2) e por Conde Alarcos, na Espanha (3). Na lição espanhola morrem a condessa, o conde, o rei e a filha:

Así murió la condesa,
... ...
mas también todos murieron
dentro de los treinta días.
Los doce días pasados,
... ...

---

(1) A. C. PIRES DE LIMA, *Tradições Populares de Santo Tirso* — Sep. da «Revista Lusitana», vol. XVIII.

(2) Cfr. TOMÁS PIRES, *Miscelânea Folclórica,* in «Revista do Minho», pág. 87, ano XV, 1900.

(3) LUÍS SANTULLANO, *Romanceiro Español,* Madrid, 1943, pág. 885.

la infanta moría;
el rey a los veinte y cinco,
el conde al treinteno dia...

Com o título D. Silvana, é conhecido em Elvas ([1]) um romance que corresponde à Silvaninha de GARRETT, cujo enredo, porém, é muito diferente.

A Infanta Castigada, colhida em Elvas por JOÃO THOMAZ PIRES, é a mesma D. Silvana de Monte Córdova ([2]) com ligeiras variantes.

No *Romanceiro* de J. LEITE DE VASCONCELOS ([3]), em algumas variantes não era a cabeça da condessa que deveria aparecer na bacia dourada. Numa versão deveriam ser apresentados os olhos e noutra a colada.

Também nas lições de LEITE DE VASCONCELOS, ora aparecem três filhas, ora sete filhas do rei.

E em algumas variantes deste *Romanceiro* morre apenas a infanta e, noutras, a infanta e o pai.

2 — *BELA INFANTA* ([4])

Senhora Dona Infanta,
No seu jardim assentada,
Com pente d'oiro na mão,
Seu cabelo penteava.

([1]) TOMÁS PIRES, *Miscelânea Folclórica,* in «Revista do Minho», pág. 93, ano XV, 1900.

([2]) *Idem,* pág. 95.

([3]) *Romanceiro Português,* 1958.

([4]) A. GARRETT, *Romanceiro,* vol. II, pág. 7.

— Capitão que tal me pede,
Merece ser açoitado,
De roda da minha quinta,
Ao rabo do meu cavalo.

Vinde cá já, meus criados,
Vinde-lho fazer assim.
— Deixa lá estar teus criados,
Eles moços são de mim.

Olha lá se te alembras
Quando eu de cá saí.
Qu'é do teu anel de pedras?
Pois o meu vê-lo aqui.

— Venha cá, seu capitão,
Meu querido Manuel,
Dá-me cá já um abraço
Deixa lá 'star o anel.

Corresponde à Claralinda das *Tradições Populares de Santo Tirso* (1). Com este nome (Claralinda) publicamos adiante outro romance colhido em Monte Córdova, cujo enredo é muito diferente.

Os últimos versos da lição colhida em Monte Córdova, afastam-se bastante daqueles que vemos nas obras já citadas.

Com os nomes de D. Estefânia, D. Silvana, Dona Claralinda, Bela Infanta, Claralinda, D. Ana, versos de D. Ana, Versos de D. Alfástica, A Linda Infanta, História de Claralinda, Quadras de D. Infanta, O cava-

---

(1) A. C. Pires de Lima, *Tradições Populares de Santo Tirso,* in «Revista Lusitana», vol. XVIII, pág. 56.

— *Esse homem, ó Senhora,*
Lá ficou morto, n'armada.
C'um ataque que lá deram,
Consentiu nova espadada.

— *Vou-me de porta em porta,*
Vou-me de rua em rua;
Se m'alguém ouvir chorar,
Chame-me a triste viúva.

— *Venha cá, minha Senhora,*
Venha cá e venha ali:
Quanto dais vós, ó Senhora,
A quem vo-lo traz aqui?

— *Dera-vos tanto dinheiro,*
Que não tem conta nem fim;
De três filhas que eu tenho,
Todas três t'as dera a ti:

Uma, para te calçar,
Outra, para te vestir,
A mais formosa de todas,
Para contigo dormir.

Deixa lá estar tuas filhas,
Que me não pertence *a mim;*
Venha cá seu coração,
Ó que lindo resplandor!
Dormirá você comigo,
Servirá de meu amor.

— Capitão que tal me pede,
Merece ser açoitado,
De roda da minha quinta,
Ao rabo do meu cavalo.

Vinde cá já, meus criados,
Vinde-lho fazer assim.
— Deixa lá estar teus criados,
Eles moços são de mim.

Olha lá se te alembras
Quando eu de cá saí.
Qu'é do teu anel de pedras?
Pois o meu vê-lo aqui.

— Venha cá, seu capitão,
Meu querido Manuel,
Dá-me cá já um abraço
Deixa lá 'star o anel.

Corresponde à Claralinda das *Tradições Populares de Santo Tirso* (1). Com este nome (Claralinda) publicamos adiante outro romance colhido em Monte Córdova, cujo enredo é muito diferente.

Os últimos versos da lição colhida em Monte Córdova, afastam-se bastante daqueles que vemos nas obras já citadas.

Com os nomes de D. Estefânia, D. Silvana, Dona Claralinda, Bela Infanta, Claralinda, D. Ana, versos de D. Ana, Versos de D. Alfástica, A Linda Infanta, História de Claralinda, Quadras de D. Infanta, O cava-

---

(1) A. C. Pires de Lima, *Tradições Populares de Santo Tirso,* in «Revista Lusitana», vol. XVIII, pág. 56.

leiro e a Esposa, Cavaleiro da Serra, Estando eu à Minha Porta..., A Moda da Segada, Jacra da Rosa Infanta, Serra Morena, D. Branca Nina, Quadra, da D. Infante, D. Infanta, Quadra, D. Catrina, Estando a D. Infanta, Romance D. Clara, Verso da D. Maria, D. Princesa, D. Galançuda, Xácara de D. Freirim, Helena e o Marido, Helena, encontram-se lições no *Romanceiro* de J. LEITE DE VASCONCELOS [1], que correspondem à Bela Infanta aqui reproduzida.

3 — *HELENA FIDALGA*

'Stando a coser
Na minha almofada,
Minha agulha d'oiro,
Meu dedal de prata.

'Stan- do a co - ser na mi - nha al - mo - fada, mi - nha a

gu - lha d'oi - ro, meu de - dal de prata

Passou um cavaleiro,
Pediu-me pousada.
E eu não lha dei,
Que não governava.

Se la *desse o pai,*
Estava bem dada.
*Deu-*la *minha mãe,*
Tem a casa roubada.

---

(1) J. LEITE DE VASCONCELOS, *Romanceiro*, I, 1958.

De quatro ([1]) *que éramos,*
Só em mim pegou,
E lá para longe,
Ele me pròguntou:

—*Como é que te chamas?*
Como é o teu nome?
Respondi com medo,
Pensando na morte:

—*Pela minha terra,*
Helena, fidalga.
Pela terra alheia,
Helena, malfadada ([2]).

—*Que queres que te faça?*
—*Quero que me mates.*
Ali a matou,
Com seus disparates.

Coberta de ramos,
Ali a deixou;
Passados vinte anos,
Por ali passou.

([1]) Nas outras versões há referências a três.
([2]) *Triste, malfadada.* — *Trad. Pop. de Santo Tirso.*
Iria, a cansada ou *a coitada* — *Viagens na Minha Terra.*

Passados vinte anos,
Por ali passou;
Aos pastores do gado,
Ele prògunto*u:*

— Pastorinhos novos
Que olhais o gado,
Que Santa é aquela
Que 'stá naquele adro?

— É Santa Helena,
Que o traidor matou;
Coberta de ramos,
Ali a deixou.

— Ó Santa Helena,
Meu Amor primeiro,
Perdoa-me a morte,
Serei teu romeiro!

— A morte não perdoo,
Ladrão carniceiro,
Que do meu pescoço,
Fizestes *carneiro,*

Que do meu pescoço,
Fizestes *carneiro.*
E dos meus cabelos,
Fizestes *dinheiro.*

Este dia azul,
E de cor de véu;
Faz a penitência,
Irás para o céu.

Este dia azul,
O mais amarelo;
Se Deus perdoar,
Perdoar-te eu quero.

É a Santa Iria das *Viagens da minha Terra* (1). Com o nome de Santa Iria encontra-se também este romance no *Turquel Folclórico* de José Diogo Ribeiro (2), e nas *Tradições Populares de Santo Tirso* (3).

4 — *SANTA IRIA* (4)

'Stava Santa Iria
A coser num'almofada,
Quando um passageiro
Lhe pediu pousada.

---

(1) Almeida Garrett, *Viagens na Minha Terra.*

(2) José Diogo Ribeiro, *Turquel Folclórico,* III, Esposende, 1931.

(3) A. C. Pires de Lima, *Tradições Populares de Santo Tirso* — Sep. da «Revista Lusitana», vols. XVIII, XX e XXI.

(4) O povo adaptou a música do *Noivado Sepulcro* a este romance. Cfr. Teófilo Braga, *Cancioneiro e Romanceiro Geral do Povo Português* e Almeida Garrett, *Viagens na Minha Terra.*

— Se a minha mãe deixar,
'stá muito bem deixada;
Se o meu pai der ordem,
'stá a casa roubada.

Quando entrou p'ra dentro,
Ele ali se assentou;
E de três que nós éramos
Ele só em mim pegou.

E levou-me par'o monte
e ali me preguntava:
Lá em casa de meus pais,
Como é que m'eu chamava.

Lá em casa dos meus pais
Era Iria amada;
E já agora consigo
Serei uma desgraçada.

Depois tirou um cordel,
Ali mesmo m'amarrou;
Depois coberta de silvas
Ali mesmo me deixou...

E, passados sete anos,
Ele por ali passou;
Quando um pastorinho
Ele aí encontrou.

— Ó meu belo pastorinho
Qu'andas a olhar o teu gado,
Diga-me que Santa é 'quela
Que está naquele adro?

— Ela é Santa Iria
Que um traidor matou
E coberta de silvas
Ali mesmo a deixou.

— Ó Iria, ó Iria!
Sou o teu amor promeiro;
Perdoa-me a tua morte,
Que serei teu romeiro.

— Perdoo-te minha morte,
Ó meu ladrão carniceiro!
E que do meu cabelo
Tu fizeste um palheiro.

Tu há-des beber agora
Auga daquele ribeiro;
E há-des comer a erva
Qu'houver naquele lameiro.

E, se Deus te perdoar.
Perdoar-te eu quero.

5 — O CEGO

— Abra-se essa porta,
Sarre-se o postigo;
Dê-me cá um lenço,
Que já venho f'rido.

A - bra - se es - sa por - ta, "sar - re - se"o pos - ti - go; dê - me
cá um len - ço que já ve - nho f'rí - do

— Se você vem f'rido,
Pode-se ir imbora;
Que a porta fichou-se,
Não se abre agora.

— Não se abre agora,
Ela se há-de abrir.
— Acorde, minha mãe,
Desse seu dormir.

Acorde, minha mãe,
Desse seu dormir;
Venha ouvir o cego
Cantar e pedir.

— Se ele canta e pede,
Dá-le pão e vinho,
Para o triste cego
Passar o caminho.

— *Não quero seu pão,*
Nem também seu vinho;
Quero que a menina,
Me ensine o caminho.

— *Pega nessa roca,*
Também nesse linho;
Vai com o triste cego,
Ensiná-lo *caminho.*

Despiou-se *a roca,*
Acabou-se-me o linho;
Siga o triste cego
Pelo seu caminho.

Venha mais adente,
Venha mais além;
Sou curto da vista,
Já não vejo bem.

De Condes e Marqueses,
Foi *bem* presseguida,
Agora d'um cego
Me vejo vencida.

Adeus, minha mãe,
Adeus, minha terra;
Adeus, minha mãe,
Que tão falsa me era.

Esta lição de Monte Córdova é muito diferente da que se encontra no *Romanceiro* de GARRETT (1). É, porém, semelhante às duas citadas nas *Tradições Populares de Santo Tirso* (2).

Por Cego de Amor é conhecido este romance em Elvas (3).

6 — *CEGO* (4)

— Abra-se essa porta,
Sarre-se o postigo;
Dê-me cá um lenço,
Que já venho f'rido.

A bra-s'es-sa por-ta, sar - ra - s'o pos - ti - go, dê - me cá um
len - ço, que já ve - nho f'ri - do
D. C.

— Se você vem f'rido,
Pode-se ir embora;
Que a porta fechou-se,
Não se abre agora.

---

(1) Vol. III, pág. 197, 1901.

(2) A. C. PIRES DE LIMA, *Tradições Populares de Santo Tirso* — Sep. da «Revista Lusitana», vol. XVIII, pág. 59. Sep. da mesma revista, vols. XX e XXI, pág. 44.

(3) TOMÁS PIRES, *Miscelânea Folclórica*, in «Revista do Minho», ano XV, 1900, pág. 222.

(4) Esta lição é mais completa do que a anterior. Cfr. TEÓFILO BRAGA, *Romanceiro Geral Português* e ALMEIDA GARRETT, *Romanceiro*, vol. III, 1901.

— Não se abre agora?
Ela se há-de abrir.
— Acorde, minha mãe,
Desse seu dormir.

Acorde, minha mãe,
Venha ouvir o cego
Cantar e pedir.

— Se ele canta e pede
Dá-le *pão e vinho,*
Para o triste cego
Passar o caminho.

— Não quero seu pão,
Não quero seu vinho;
Quero que a menina
Me ensine o caminho.

— Pega nessa roca,
Também nesse linho;
Vai com o triste cego,
Ensinar-le *o caminho.*

— Acabou-se-m'a estopa,
Acabou-se-m'o linho;
Siga o triste cego
Por esse caminho.

— Anda, Aninhas, anda,
Mais inté *além;*
Sou cego da vista
Não vejo ninguém.

— Vejo tanta tropa,
E cavalaria!...
Ai! Valha-me Deus
E a Virgem Maria!

De Duques e Reis,
Já fui pretendida;
Agora dum cego
Me vejo vencida.

— Não chores, Aninhas,
Não queiras chorar;
Tudo isto é pouco
P'ra te acompanhar.

— Adeus, minha casa,
Adeus, minha terra,
Adeus, minha mãe
Que tão falsa me era.

Adeus, minha casa,
De tantos pombais!
Adeus, meu jardim,
P'ra nunca mais!

7 — CONDE NILO

— *Anda, anda, minha filha,*
Ouvir o lindo cantar.
Ou são os anjos no céu,
Ou a sereia no mar.

— *Nem são os anjos no céu,*
Nem as sereias no mar;
É o Conde Nilo, meu pai,
Que comigo quer casar.

— *Anda, anda, minha filha,*
À janela do pomar,
A ver o Conde Nilo
A morte que vai levar.

Mal sabe a pobre Infanta,
Se há-de rir se há-de chorar.
Um morreu, outro morreu,
Ambos foram a enterrar.

Ele ao pé das cancelinhas,
Ela ao pé do altar;
Dele nasceu um acipreste,
E dela um laranjal.

Dele nasceu um pombo manso,
Dela um pombo cardal [1].
Quando El-Rei vem p'ra comer,
Na mesa le *vão pousar* [2].

Malo *haja o teu bem querer,*
A *mais o tanto amar.*
Nem na vida nem na morte,
Nunca os pude separar.

GARRETT encontrou este romance apenas em Trás-os-Montes [3]. Vê-se que esta versão de Monte Córdova está um pouco incompleta se a compararmos com a do *Romanceiro* daquele autor.

Corresponde às versões do *Romanceiro* de LEITE DE VASCONCELOS [4]: Conde Aninho, Conde Ninho, Conde Albano, Cond'Aninho e Conde Nino.

8 — *CONDE DA ALEMANHA*

— *Estando eu no meu tear,*
Tecendo seda amarela,
Veio o Conde d'Alemanha,
Três fios me tirou dela.

---

(1) Será deturpação de cardeal? Nas versões de LEITE DE VASCONCELOS, publicadas no seu *Romanceiro,* encontra-se «pombo trocal».

(2) *De ella naciera una garza,*
De él un fuerte gavilán;
Juntos vuelan por el cielo,
Juntos vuelan par a par.

MENÉNDEZ PIDAL, *Flor Nueva de Romances Viejos,* 5.ª ed.

(3) Vol. III, 3.ª ed., pág. 17.

(4) LEITE DE VASCONCELOS, *Romanceiro,* 1.º vol., 1958.

— Anda, anda, minha filha,
Anda-me dar de jantar,
Deixa lá o Conde novo,
Qu'ele é novo, quer brincar.

— Leve o demo tais brinquedos,
E a mais o tal brincar,
Que pegou em mim ao colo,
À cama me queria levar.

— Anda, anda, minha filha,
À janela do pomar;
Anda ver o Conde Alberto
A morte que vai levar.

— Anda, anda, minha filha,
Ouvi bem o teu conselho;
Anda ver o Conde Alberto,
Como le *cai o vermelho* (1).

— Maldito, ó minha filha;
Fora o leite que mamaste!
Era um Conde tão lindo,
A morte que lhe causaste...

---

(1) Sangue. No *Romanceiro* de GARRETT o Conde é degolado. Daí os versos:

Anda ver o Conde Alberto,
como le *cai o vermelho.*

— Cale-se lá, minha mãe,
Não ponha tudo na rua;
A morte que o Conde leva,
Ela havia de ser sua (1).

— Abençoada, minha filha,
Mais o leite que mamaste;
Da idade de oito anos,
A morte à mãe livraste.

Este romance não está completo.

Com o título *Rainha Descoberta* é conhecido em Elvas um romance com o enredo idêntico.

9 — *CONDE ALBERTO* (2)

— Tu que tens, Dona Ermelinda,
Que vindes *tão orvalhada;*
Teu cabelo aos anéis,
Tua face desmaiada?...

---

(1) *A morte que o Conde leva,*
Não a leveis vós também.

A. C. Pires de Lima, *Tradições Populares de Santo Tirso,* in «Revista Lusitana», vols. XX e XXI. Vid. o mesmo trabalho na «Revista Lusitana», vol. XVIII. Cfr. Tomás Pires, *Miscelânea Folclórica,* in «Revista do Minho», ano XV, 1900 e o *Romanceiro* de Leite de Vasconcelos, 1958.

(2) É uma versão da Claralinda.

— Que queres, ó meu irmão,
Isto é de eu não dormir,
Se o sabes, mano meu,
Não o queiras descobrir.

O garoto do irmão,
Que logo ao pai foi contar
À sala dos estudantes,
Donde ele estava a estudar.

Seu pai veio para baixo,
Logo se pôs a mirar.
— Meu pai, que me mira tanto,
Que me faz desconfiar?

— Eu miro-te, minha filha,
Que parece andas inchada.
— Ó meu paizinho do céu,
Olhe qu'isto não é nada;
O erro é das costureiras,
É da saia mal talhada.

— Chame-*me dois alfaiates,*
Dos melhores que houver,
Para examinar a saia,
Que pertence a esta mulher.

— A saia desta mulher,
Não tem erros, não tem nada;
O erro é da menina,
Que parece anda inchada.

—Prepara-te, minha filha,
Prepara-te, bem preparada.
Prepara-te, ó Ermelinda,
Qu'amanhã vais ser queimada.

—Quem me dera uma pombinha,
Que novas fosse levar,
Uma para beira-rio,
Outra, para beira-mar.
—Escreva lá o que quiser,
Cá estou para a levar.

—Conde Alberto, Conde Alberto,
Novas le *venho a contar.*
—Se tu me falas verdade,
Vou-te dar de jantar;
Se tu me estás a mentir,
Eu te mandarei matar.

—Tu que tens, ó Conde Alberto
Que vens tão triste a chorar?
—A minha amada Ermelinda,
Amanhão *vai a queimar.*

—Veste-te de S. João,
Ao caminho vai esperar;
Se ela for a correr,
Manda ir mais devagar.

—Ó carro que vais correndo,
Faz o favor de parar,
Que a menina que vai dentro,
Inda *vai por confessar.*

— Senhor Padre, avie, avie,
Ao meio da confissão,
Estão as fornalhas a arder,
Está-se a acabar o carvão.

— Dona Ermelinda não vai,
O dono dela sou eu;
Soltou Dona Ermelinda,
Caiu p'ró lado e morreu.

10 — *CLARALINDA*

Debaixo da laranjeira,
Debaixo do laranjal,
Lá vi estar Claralinda,
Com D. Carlos a brincar.

— Donde vens, Claralinda,
Que vindes tão orvalhada,
Com vosso cabelo involto,
E vossa cor desmaiada?
— Quer tu vistes, *quer não* vistes,
A meu pai não digas nada.

O maroto e malcriado,
Que logo le *foi contar*
À sala dos estudantes
D'onde ele estava a jogar.
— Meu pai que tanto me mira,
Que tanto me está a mirar?

— Eu miro-te, minha filha,
Dizem-me que andas pejada.
— Este erro, ó meu pai,
É da saia mal talhada.

— Chame-*se três alfaiates,*
Todos três da mesma casa;
Eles hão-de ver e dizer
Que a saia é mal talhada.
— Chame-*se três alfaiates,*
Cada um de sua casa;
Eles hão-de ver e dizer
Se a saia é mal talhada.

Olharam uns para os outros...
— Esta saia não tem nada;
Mas daqui por quatro meses
Seja a saia examinada.
— Anda, anda, minha filha,
Que amanhã vais ser queimada.
— Quem me dera uma pena,
Quem me dera ter vagar,
P'ra escrever uma carta,
A Dom Carlos Montalvar!
— Se quereis, minha Senhora,
Que vo-la eu vá levar...
— Dera-*vos tanto dinheiro*
Que vós não possais contar,
Se lá fores entregar,
Do almoço até ao jantar;
Se ele estiver a dormir,
Deixa-o acabar de dormir;

Se estiver a jantar,
Deixa-o acabar de jantar;
Se andar a passear,
A carta vai entregar.

Logo que abriu a carta,
Logo se pôs a chorar;
Logo disse para os criados:
— Preparai-vos p'ra marchar.
Ferrai as bestas de bronze,
Que se não possam gastar;
Que a jornada de três dias
Numa noite se há-de andar.
— Cesse lá senhores cessores [1]
Cesse ou deixe de cessar;
A menina que vai dentro
Inda vai por confessar.
— Ou vós sois amante dela,
Ou no-la quereis furtar.
— Nem somos amante dela,
Nem vo-la qu'remos furtar;
Sou um Padre Franciscano,
Que a venho confessar.
Diga a confissão, menina,
Para bem se preparar;
No meio da confessão
Um beijinho m'há-de dar.

— Eu bem sei que vou à queima,
Minha cinza vai ao mar;

---

[1] Acessores.

Donde Dom Carlos pôs a boca,
Não é p'ra um frade beijar.
— Torne atrás, ó menina,
À fonte donde eu bebia;
Minhas esporas são de prata,
Lá na fonte desquecia.
— As tuas esporas são de prata,
Meu pai d'oiro t'as daria,
Que o dinheiro em casa dele
Pela rasa se media.
— Se a menina me conhece,
Não me dou a descobrir;
Nas unhas do meu cavalo,
Botaremos a fugir.
Diga, ó minha menina,
Diga-me de quem é filha?
— Sou filha d'El-Rei da Espanha
E da rainha Constantina;
Meu pai tem janelas doiro,
Barandas *de prata fina.*
— Leve *a maleita as mulheres,*
A manha que ela tinha!...
Julguei que levava dama,
E levo uma mana minha (1).
Se és a minha nora,
Sobe p'ra esses palácios;
Se tu és a minha filha,
Deita-te nestes meus braços.

---

(1) Segundo a informadora, D. Carlos e Claralinda eram filhos do Rei da Espanha e da Rainha Constantina. A Claralinda, quando criança, veio para Portugal, e D. Carlos, mais tarde, sem saber que Claralinda era sua irmã, namorou-se dela.

Neste romance encontram-se passos da D. Ausenda, do D. Carlos d'Além-Mar e sua versão castelhana, da Enfeitiçada, e da Claralinda do *Romanceiro* de GARRETT [1].

Na D. Ausenda do *Romanceiro*, encontram-se os seguintes versos:

Mandou chamar dois xastres,
… … … … … … … … …
Olharam uns para os outros
Esta saia não tem nada;
… … … … … … … … …

Confessa-te ………………
Que amanhã serás queimada.
… … … … … … … … …
……*um fradinho velho*
que o encontraram na estrada,
para confessar D. Ausenda.

Comparem-se estes passos com alguns trechos do novo romance.
E na Claralinda do mesmo *Romanceiro:*

Claralinda, Claralinda,
Que feio é o teu trajar!
… … … … … … … … …
Não sou eu, é da vasquinha,
Que é mal feita …………
… … … … … … … … …

---

[1] Vol. II, pág. 182, 1901.

Mandou chamar alfaiates
... ...
... ...
Que amanhã vais a queimar

E esta passagem:

E entregarás esta carta
A D. Carlos d'Além-Mar.

Na Claralinda de Monte Córdova aparece também um frade a pretender confessar a Claralinda.

Estes versos são quase iguais, nas duas lições:

Onde Claros pôs a boca,
Não me há-de um frade beijar.

Na versão castelhana de GARRETT o herói chama-se D. Carlos de Montalván.

Na *Infeitiçada,* de GARRETT vêem-se passagens idênticas às da Claralinda:

Se a sua espora é de prata,
Meu pai de oiro lha daria;
Que às portas de meu pai,
Se mede oiro cada dia.
... ...
— *Dizei-me, vós, ó donzela,*
Dizei-me de quem sois filha.
— *Sou filha d'El-Rei de França*
E da Rainha Constantina.

Cuidei de levar amante,
E levo uma irmã minha.

E na Claralinda de GARRETT:

... ...
A Casa da estudaria
Onde El-Rei estava a estudar.
... ...
Lá deixei o Conde Claros
Com a princesa a folgar.

Na Claralinda de Monte Córdova entram trechos de vários romances populares.

O romance D. Felizardo, colhido em Elvas por TOMÁS PIRES, assemelha-se bastante à Claralinda (1).

À Claralinda correspondem várias versões do *Romanceiro* de LEITE DE VASCONCELOS: Conde Carlos, D. Carlos de Montealbar, D. Linda, Brancalinda, Imbulina, Imbelina, Madassena, Grandolina, A Palomba, Albaninha, Belassena, Guilhermina, Albana, Mariana, D. Carlos, D. Carlos d'Além-Mar, etc..

11 — *NAU CATRINETA*

Lá vem a Nau Catrineta,
Que tem muito que contar;
Andava há anos e dias,
Naquela volta do mar.

---

(1) Vid. TOMÁS PIRES, *Miscelânea Folclórica,* in «Revista do Minho», ano XV, pág. 109.

Já não tinham que comer,
Já não tinham que manjar;
Deitaram sola de molho,
Para com ela jantar.

A sola, que era rija,
Não a puderam tragar.
Deitaram a sorte à roda,
Quem deviam de *matar;*
Logo foi cair a sorte,
No Capitão-General ([1]).

— *Acima, acima gajeiro,*
Àquele mastro real.
Vê se vês terras d'Espanha,
Ou praias de Portugal.

— *Nem vejo terras d'Espanha,*
Nem praias de Portugal;
Vejo sete espadas nuas,
Desimbainhadas *p'ra te matar.*

— *Volta acima, ó gajeiro,*
Àquele mastro real.

([1]) *Todos* erguero *a espada*
Para o capitão matar;
Capitão ergueu a sua
Para seu corpo livrar.

A. C. Pires de Lima, *Tradições Populares de Santo Tirso*, in «Revista Lusitana», vol. XVIII.

— Já vejo terras d'Espanha
E praias de Portugal;
Já lá vejo três meninas
Debaixo dum laranjal,

Uma sentada a coser,
Outra na roca a fiar;
A mais formosa de todas
Está no meio a chorar.

— Todas três são minhas filhas,
Ai quem mas dera abraçar!
— Quanto dais vós, ó Senhor,
A quem vos vai lá levar?

— Todas três t'as dera a ti,
Se me lá fores levar.
— Não quero as vossas filhas,
Que custaram a criar.

— Dera-vos tanto dinheiro,
Que vós não possais contar.
— Não quero vosso dinheiro,
Que vos custou a ganhar;
Eu quero a vossa alma,
Para comigo levar.

— Minha alma é de Deus (1),
O corpo vou dar ao mar.
Vai-te embora, Diabo negro,
Que me estavas a tentar!

O romance está incompleto; faltam nesta versão de Monte Córdova passagens que se encontram no *Romanceiro* de GARRETT (2).

12 — *O FADO DA FRANCISQUINHA*

— Quem trupa *a essa porta?*
Quem trupa *ou quem 'stá aí?*
Sejam cravos, sejam rosas,
Minha porta eu abri.

Tu que tens, ó meu amor,
Tu que tens aqui assim?
Já bateu a meia-noite,
Tu não te viras p'ra mim.

Ou tu vens muito cansado,
Ou disseram mal de mim.

---

(1) *Arrenego-te eu demónio*
E a tua má palavra,
Que a minha alma é de Deus
E da Virgem Mãe sagrada.

A. C. PIRES DE LIMA, *Trad. Pop. de Santo Tirso*, in «Revista Lusitana», vol. XVIII.

(2) ALMEIDA GARRETT, *Romanceiro*, 3.ª ed., vol. III, pág. 104.

— Não venho cansado,
Nem disseram mal de ti;
Só estou a recear
Que teu marido venha aqui.

— Meu marido anda à caça
Lá na Serra do Marão;
Lá ele desse um tiro
Que bazasse *o coração.*

— Francisquinha, Francisquinha,
Na hora em que nasceste!
Na cama com teu marido,
Inda *não o conheceste.*

— Na cama com meu marido
Inda *não o conheci;*
Também m'há-de dar a morte.
Eu bem sei que a mereci...

— Eu a morte não ta dou
Nem as mãos t'hão-de embarrar;
Te porei com esta faca,
Como as areias do mar.
Nem uma pombinha branca
T'há-de poder apanhar.

Corresponde a um romance popular muito conhecido e já registado por vários autores. É o Bernal Francês de GARRETT [1], embora mais reduzido. No romance montecordoviano encontra-se:

Quem trupa *a essa porta?*
Quem trupa *ou quem 'stá aí?*

O mesmo começo, portanto. Depois há umas certas diferenças, e o enredo é mais complicado.

Mas logo adiante, a nossa lição segue assim:

… … … … … … … …
Já bateu a meia-noite,
Tu não te viras p'ra mim.

E no *Romanceiro* de GARRETT:

Meia-noite já é dada,
Sem para mim te voltares.

E depois:

Só estou a recear
Que teu marido venha aqui.

(Monte Córdova).

Se de meu marido temes…

(GARRETT).

---

[1] ALMEIDA GARRETT, *Romanceiro,* vol. I, 3.ª ed., 1901.

Continua a nossa versão:

Francisquinha, Francisquinha,
… … … … … … … …
Na cama com teu marido,
Inda *não o conheceste.*

E na lição de GARRETT:

De teu marido não temo,
… … … … … … … …
Aqui está ao pé de ti,
Tu é que deves tremer.

Há também certas passagens idênticas nos romances colhidos por J. A. PIRES DE LIMA em S. Simão de Novais (1) intitulados: Bernardo Francês, Cravelinda e Serafim.

No *Romanceiro e Cancioneiro do Algarve* (2), encontra-se o Bernal Francês cujo enredo é semelhante ao que foi coligido por GARRETT.

O *Romanceiro* de J. LEITE DE VASCONCELOS regista várias lições do Bernal Francês intituladas: D. Francisco d'Almada, D. Francisco, Bernardo Francês, Francisquinha e D. Aninhas.

---

(1) J. A. PIRES DE LIMA, *Romanceiro Minhoto*, Porto, 1943.

(2) FRANCISCO XAVIER DE ATAÍDE OLIVEIRA, *Romanceiro e Cancioneiro do Algarve*, Porto, 1905.

13 — *O FADO DO CONDE MARGARIDA*

O Conde Margarida
Era um conde dos maiores;
E logo tinha três filhas
Todas lindas como o Sol.

Logo a D. Faustina
Era a mais afidalgada;
O seu pai a pretendeu
Para sua namorada.

Mandou fazer um convento
Dos maiores que havia
Para meter Faustina dentro
Sete anos e um dia.

Ao fim desses sete anos,
Faustina veio à sacada;
Encontrou a sua mãe
A coser uma almofada.

— *Minha mãezinha do céu,*
Lhe peço um copo de água.
— *Como te hei-de dar a água,*
Minha filha abençoada,
Se o teu pai já me jurou
Que co'este pau me matava?

— Ó meu paizinho do céu,
Lhe peço um copinho de água.
— Como te hei-de dar a água,
Minha filha abençoada?
Pedi-te a mão d'reita
E tu não ma quiseste dar.

*— Darei-*le *a minha mão d'reita.*
*Darei-*le *a esquerda também.*
Se me quiser dar a água,
Mande-ma aqui por alguém.

Lá le *traz um cálice de água,*
Lá le *traz água, à Faustina*
Trá-la num copo de oiro,
De louça de prata fina.

D. Faustina morreu,
Mas morreu por ser honrada.
O seu pai está no Inferno.
Já tem a alma queimada.

O Fado do Conde Margarida é idêntico à Silvaninha de GARRETT (1). J. A. PIRES DE LIMA colheu em S. Simão de Novais, aldeia do concelho de Vila Nova de Famalicão, um romance popular que tem por título Valdevina ou Aldininha (2). O seu enredo é idêntico.

---

(1) ALMEIDA GARRETT, *Romanceiro*, vol. II, 3.ª ed.
(2) J. A. PIRES DE LIMA, *Romanceiro Minhoto*, Porto, 1943.

O mesmo tema repugnante encontra-se na versão obtida em Santo Tirso por A. C. PIRES DE LIMA com o título Baldebina, Aldininha ou Gualdina (1).

Na nossa lição a heroína chama-se Faustina ao passo que no *Romanceiro* de GARRETT se intitula Silvana.

14 — *SANTO ANTÓNIO DE PÁDUA* (2)

'Stando S.to António em Pádua,
Prègando o seu sermão,
Chegou um anjo do Céu,
Com uma carta na mão.

António, tu hás-de crer
Que Deus te mande (3) *dizer,*
Que a Lisboa hás-de chegar,
E teu pai hás-de livrar.
Com sete sentenças falsas,
Teu pai foram condenar.

---

(1) A. C. PIRES DE LIMA, *Tradições Populares de Santo Tirso,* in «Revista Lusitana», vols. XVIII, XX e XXI.

(2) Encontram-se versões idênticas a esta em JOSÉ DIOGO RIBEIRO, *Turquel Folclórico,* parte III, e em TOMÁS PIRES, *Miscelânea Folclórica,* in «Revista do Minho», ano XV, págs. 123 e 233.

Também na mesma revista se publica uma versão colhida no Porto por CÂNDIDO LANDOLT, ano XI, 1902, pág. 62 e outra colhida em Elvas por TOMÁS PIRES, pág. 74, da *ob. cit.*

(3) *Mande,* por «manda».

António, que isto ouviu,
Quando a Lisboa chegou,
Ali logo encontrou,
Grande multidão crescente.
— Justiça com toda a gente!
P'ra donde ides com esse homem,
Que vai morrer inocente?

'Stan-do San-to An-tó-nio,em Pá - dua, pré - gan - do o seu ser - mão, 'Stan-do
San-to An-tó-nio em Pá-dua pré-gan - do o seu ser - mão, "Ché - gou" um an - jo do
Céu com u - ma car - ta na mão."Ché-gou" um an - jo do Céu com u - ma car - ta na
mão An - tó - nio tu hás - de crer — que Deus te man - de di-
- zer que a Lis-bo'hás-de "Ché-gar" — E teu pai hás - de li - vrar com se - te sen-ten-ças
fal sas teu pai fo-ram con-de-nar com se-te sen-ten-ças fal-sas teu pai fo - ram con - de - nar.

— Este homem matou outro,
Enterrou-o no seu quintal.
— Vamos à cova do morto,
Que falará a verdade.

— Levanta-te, corpo morto,
Alto Deus Omnipotente.
Vem dizer quem te matou,
Desengana esta gente.

— Esse homem não me matou,
Nem dele tenho sinais.
O homem que me matou,
Na companhia o levais.
O Senhor, o Deus merecido,
Não deu licença p'ra mais.

— Diga-me o Senhor Padre,
Donde é vossa morada,
Que vos quero visitar,
Já que não presto p'ra nada.

— Sou vosso filho Fernando
Meu nome mudei p'ra António;
Donde quer que eu chegava,
Me tentava o demónio.

Senhor pai, Senhora mãe,
Bote-me *sua* benção,
Que me vou aqui p'ra Pádua
Acabar o meu sermão.
Que a gente que lá deixei,
Já em falta me darão.

15 — SANTA LUZIA (¹)

Em Seragoça nasceu
A Virgem Santa Luzia;
Em menina arrecebeu,
A Jesus por mestre e guia.

Em "Se - ra - go - ça„ - nas - ceu A Vir - gem San - ta Lu - zi - a Em me - ni - na"a - rre - ce - beu„ A Je - sus por mes - tre e guí - a.

A Jesus, por mestre e guia,
Seu amor consagrou;
Deste ninguém a desviou,
Pois toda se le entregou.

Pois toda se le entregou,
Rejeitou amor profano;
O cruel a acusou,
Ó menistro mais tirano.

(¹) Segundo a cantadeira, as quadras referentes a Santa Luzia são cantadas em nove novenas, na capela de, Santa Luzia de Monte Córdova, que começam no dia 13 do mês do Natal.

Ó menistro *mais tirano,*
Foi Luzia apresentada;
Vendo este o desengano,
A açoutes foi condenada.

A açoutes foi condenada,
Esta heroína forte;
Quem em Jesus confiar,
Não teme a mesma morte.

Não teme a mesma morte,
Nem a sua honra perder;
Pede a Deus que a conforte,
Pronto a bem *socorrer.*

Pronto a bem *socorrer,*
Quando as forças tiranas,
Com empenho sem mover
Luzia p'ràs mundanas.

Luzia p'ràs mundanas,
Não vai, mas logo o tromento
Le *preparam as vivas chamas,*
O fogo mais violento.

O fogo mais violento,
Que a Luzia não enjeita
Deus le *prepara o assento,*
Que o mesmo fogo a respeita.

O mesmo fogo a respeita,
O golpe le colhe a palma;
Ó virgem-mártir perfeita,
Já no céu está tua alma.

16 — CONDESSA (1)

— *Ó Condessa, Condessinha,*
Condessa de Aragão,
Venho pedir-te uma filha
De tantas que elas são.

Ó Con-des-sa, Con-des-si-nha, Con-des-sa de A-ra-gão,
Ve-nho pe-dir-te u-ma fi-lha de tan-tas que e-las são

— *Minhas filhas não te dou*
Nem por oiro nem por prata,
Nem por sangue de leão
Nem por sangue de largata.

— *Tornai atrás, cavalheiro,*
Comigo sempre de bem;
Darei-te *uma minha filha,*
Se a tu estimares bem.

---

(1) Esta variante também se encontra nos *Jogos e Canções Infantis* de A. C. PIRES DE LIMA. A música, é, porém, diferente.

Letra e música colhidas em Areias — Santo Tirso.

Vid. F. C. PIRES DE LIMA, *A Condessa de Aragão*, Porto, 1956.

— *Estimo bem, como bem,*
Sentada numa almofada,
A enfiar contas de oiro...
Anda cá, minha afilhada!

17 — *CONDESSA (Outra versão)* [1]

— *Disseram a mim, Condessa,*
Vós que tinhas *muitas filhas;*
Se me davas uma delas
Para eu casar com ela.

Dis - se - ram a mim, Con - des - sa, vós que "ti - nhas" mui - tas fi - lhas,
se me da - vas u - ma de - las pa - ra eu ca - sar com e - la.

— *Minhas filhas não tas dou,*
Nem por ouro nem por prata,
Nem por sangue de leão,
Nem por sangue de largata.

Que as quero para freiras
No Convento de Jesus;
A mais nova delas todas
'Stá na presença da Cruz.

---

[1] A letra e a música são quase iguais às que foram colhidas por A. C. Pires de Lima. Vid. *Jogos e Canções Infantis*, deste autor, 2.ª ed., Porto, 1943.
Letra e música colhidas em Areias — Santo Tirso.

— Ai! que tão contente eu vinha
E que tão tristinho eu vou,
Pela filha da Condessa,
Que prometeu e faltou!

— Tornai atrás, cavalheiro,
Entrai por esses portais;
Escolhei a mais bonita
Que nesse rancho achais.

— Quero esta (1)*, quero esta,*
Que me rapa o pão da cesta
E o vinho da borracha...
Rapa tudo quanto acha.

II — CANTOS DE ROMEIROS

Noutros tempos, por ocasião das sachas, as raparigas ou mulheres, de cores rosadas e sadias, empregadas naqueles trabalhos agrícolas interrompiam de longe a longe a faina para — agrupadas em semicírculo e com as faces encostadas uma às outras, com o fim de a melodia sair mais perfeita — cantar em coro lindas canções, sobre o S. João de Landim.

O mesmo sucedia no regresso do trabalho.

Essas canções, hoje quase esquecidas, tiveram talvez a sua origem num auto que naquela freguesia se representava na primeira década deste século. Foi seu autor o landinense José da Silva Abreu Guedes (2). Tive nas minhas mãos a respectiva música e a minha prima, malograda musi-

---

(1) O povo pronuncia *êsta*.

(2) Vid. Vasco César de Carvalho, *Aspectos de Vila Nova*, II, *A Justiça*, Famalicão, 1947.

cóloga e folclorista, MARIA CLEMENTINA PIRES DE LIMA TAVARES DE SOUSA [1], pôde consultar o respectivo manuscrito.

Naquela aldeia, outrora centro e cabeça duma importante região, onde a fantasia de GARRETT via mais do que um rio,

> «*Que tropel que vai nos paços*
> *De Landim ao pé dos rios!* [2]
> *Sons de festa e sons de guerra*
> *Em seus muros e alta torre?*
> ... ...
> ... ...»

realizou-se durante alguns anos, muito próximo do antigo mosteiro e do rio Pele, único que banha aquela terra, a festa de S. João com grande arraial.

As canções n.os 18, 19 e 22 foram colhidas na freguesia de Areias, do Concelho de Santo Tirso.

18 — *S. JOÃO VELHO*

Ai! foi [3] ó *S. João, a Braga,*
Ai! vi tudo embandeirado;

Ai! tudo isto são bandeiras,
Ai! que S. João tem ganhado.

---

(1) Vid. MARIA C. PIRES DE LIMA TAVARES DE SOUSA, *Folclore Musical*, Porto, 1942 e F. C. PIRES DE LIMA, *S. João na Alma do Povo*, Porto, 1944.

(2) ALMEIDA GARRETT, *Romanceiro*, vol. I, Lisboa, 1900, pág. 41.

(3) *Foi* por fui.

Ai! ó S. João de Landim,
Ai! que estais no altar de fora,

Ai! em manguinhas de camisa,
Ai! tocando numa viola.

Solo
Ai! "foi ó" S. Jo - ão a Bra - ga, Ai! vi tu - do em - ban - dei - ra - do —
Coro
Ai! "foi ó" S. Jo - ão a Bra - ga — Ai! vi tu - do em - ban - dei - ra - - do —
Solo
Ai! tu - do is - to são ban - dei - ras Ai! que S. Jo - ão tem ga - nha - do. —
Coro
Ai! tu - do is - to são ban - dei - ras, Ai! que S. Jo - ão tem ga - nha - do. —

Ai! no altar de S. João,
Ai! nasceu uma cerejeira;

Ai! caiu-lhe a flor por cima,
Ai! S. João que tão bem cheira.

19 — S. JOÃO

Ai! ó bendito S. João, (bis)
A quem eu tanto tenho pedido;
Ai! que me dê um rapaz bom;
Ai! para ser o meu marido.

Ai, se o Padre-Santo soubera, (bis)
Ai, a graça que o malhão tem;
Ai, deixava de dezer *missa;*
Ai, vinha dançar também.

Ai! ó ben-di-to S. Jo-ão —— Ai, ó ben-dí - to S. Jo-
ão! a quem tan-to te-nho pe - di - do Ai! que me dê —— um ra-paz
bom —— Ai! pa - ra ser o meu ma - ri - do.

Ai! quando eu assentei praça, (bis)
Ai! no 18 d'infantaria;
Ai! qu'eu cortei o meu cabelo;
Ai! nunca mais tive alegria.

20 — *S. JOÃO*

De S. João a S. Pedro,
Quem quiser contar, bem pode:
S. João a vinte e quatro,
S. Pedro a vinte e nove.

Coro:
Ó S. João,
Cantai, cantai,
Cantai, cantai
Com alegria.
Ó S. João,
Cantai, cantai,
Que amanhã
É o vosso dia.

S. João p'ra ver as moças
Fez uma fonte de prata;
As moças não vão à fonte,
S. João todo se mata.

De S. Jo - ão a S. Pe - dro quem qui - ser con - tar bem po - de S. Jo - ão
a vin - te e qua - tro, S. Pe - dro a vin - te e no - ve Ó S. Jo - ão,
can - tai, can - tai; —— Can - tai, can - tai com a - le - gri - a Ó S. Jo - ão
— can - tai, can - tai —— que a - ma - nhã é o vos - so di - a -

Coro { *Ó S. João,*
Cantai, cantai,
... ...

S. João de Landim,
Que fazeis ó que ganhais?
Trazeis a mulher descalça
Nem uns sòquinhos le *dais!*

Coro { *Ó S. João,*
Cantai, cantai,
... ...

21 — S. JOÃO

S. João de mim tem pena,
S. João de mim tem dó.
É verdade, sim, senhor, é verdade.
Chiri biri pó pó pó.

S. Jo - ão, de mim tem pe - na, S. Jo - ão, de mim tem dó — É ver -
da - de, sim se - nhor, é ver - da - de, chi - ri bi - ri, pó pó pó.

S. João Evangelista,
Filho de Santa Isabel;
S. João baptizou Cristo,
Pôs-lhe o nome de Manuel.

Ó que lindo baptizado,
Lá no rio de Jordão;
S. João baptizou Cristo,
Cristo baptizou João.

S. João à minha porta,
Eu não tenho que lhe dar;
Darei-lhe *um ramo de cravos,*
Para pôr no seu altar.

S. João é festejado,
Por todo o mundo, em geral;
Entre todos os mais Santos,
Nenhum há que seja igual.

S. João por mô r das moças,
Fez um chafariz de vidro;
As moças não vão à água,
S. João ficou perdido.

S. João por mô r das moças,
Fez um chafariz de prata;
As moças não foram lá,
S. João todo se mata.

S. João perdeu a capa,
No meio do seu jardim;
Ajuntam-se (1) *as moças todas*
E dai-lhe uma de cetim.

S. João me prometeu,
De me dar um bom marido;
Vou-lhe lembrar a promessa,
Já que o Santo é esquecido.

Abaixai-vos, carvalheiras,
Cum *a rama para o chão;*
Deixai passar os romeiros,
Que vão p'ró S. João.

---

(1) Por — ajuntem-se.

22 — S. JOÃO NOVO

Ai! ó S. João de Landim;
Ai! vinde me esperar à Leça;

Solo
Ai! ó S. Jo-ão de Lan-dim — Ai vin-de-m'es-pe-rar a
coro
Le-ça — Ai! ó S. Jo-ão de Lan-dim — Ai! vin-
solo
-de-m'es-pe-rar a Le-ça — Ai! qu'eu sou ra-pa-rí-ga
coro
no-va — Ai! não pos-so an-dar de-pres-sa — Ai! qu'eu sou ra-pa-ri-ga
no-va — Ai! não pos-so an-dar de-pres-sa —

Ai! qu'eu sou rapariga nova,
Ai! não posso andar depressa.

Ai! que qu'reis ó S. João
Ai! que por ele pròguntais?

Ai! procurai-o na Falperra [1];
Ai! à vinda de Guimarães.

---

[1] Vid. A. C. Pires de Lima, *Estudos Etnográficos, Filológicos e Históricos*, 3.º vol. — *Trad. Pop. de Santo Tirso*, pág. 395:

«Esperai-o na Falperra,
Que ele vem de Guimarães.»

Ai! do S. João a S. Pedro,
Ai, quem quiser contar, bem pode:

Ai! S. João a vinte e quatro;
Ai! S. Pedro a vinte e nove.

23 — *S. PEDRO*

Ó S. Pedro, anda agora ver as moças.
Podes crer, sem mulher p'ró Céu não vais;
Casa agora, meu Santo, que não pecas,
É dos carecas que elas gostam mais.

Ó S. Pe - dro, an - da a - go - ra ver as mo - ças. Po - des crer, sem mu -
lher p'r'ó Céu não vais — Ca - sa a - go - ra, meu San - to que não
pe - cas, É dos ca - ré - cas qu'e - las gos - tam mais.

III — COREIAS

24 — *A CHULITA*

Ó chulita, redondita...
Deixa-te andar asseada,
Bom sapato, boa meia,
Boa fivela dourada.

Ó chulita, p'ra te ver,
Foi-se muito bem vestir.
Ela quer casar comigo,
Se minha mãe consentir.

etc.

Ó Chu - li - ta, re - don - di - ta, dei - xa-te an - dar as - se - ada, bom sa-

pa - to, bo - a mei - a, bo - a fi - ve - la dou - rada

25 — *CHULA VAREIRA*

Adeus, que me vou embora,
Adeus, que me vou embora,
Vou-me embora proqu'eu (1) *quero...*
Adeus, ó Chula Vareira, (bis)
Qu'a mim ninguém me mandou.

Vou m'embora proqu'eu *quero,*
Qu'a mim ninguém me mandou.
Vou m'embora desta terra.
Adeus, ó Chula Vareira, (bis)
Qu'eu desta terra não sou.

---

(1) «Proque», metátese de *porque.*

Adeus, ó terra bendita,
Adeus, ó terra natal,
Vou m'embora proqu'eu *quero.*
Adeus, ó Chula Vareira, (bis)
Qu'a mim ninguém me quer mal.

A - deus, que me vou "im - bo - ra", A - deus que me vou "im - bo - ra";
vou - m'im - bo - ra" "pro - qu'eu que - ro A - deus, ó Chu - la Va -
rei - ra, a - deus, ó Chu - la Va - rei - ra, vou-m'im - bo - ra" "pro - qu'eu que - ro

26 — *CHULA VAREIRA*

Sou cantada, sou bailada,
Sou bem de toda a maneira;
Vou-me p'rá minha terra,
Adeus, ó chula vareira.

Sou can - ta - da, sou bai - la - da, Sou bem de to - da ma - neira. Vou -
me pa - ra a mi - nha ter - ra, A - deus, ó Chu - la va - reira

27 — *VIRA DE QUATRO*

Rapazes, vamos ó vira,
Não podemos demorar...
Quem quiser dançar o vira,
Tem de escolher o seu par.

Rapazes, vamos ó vira,
Duas voltas vamos dar.
Se quereis dançar o vira,
O vira, torna a virar.

etc.

Ra-pa-zes, va-mos ao Vi-ra, Ra-pa-zes, va-mos ao Vi-ra não po-de-
mos de-mo-rar —— não po-de-mos de-mo-rar. Quem qui-zer dan-çar o
Vi-ra —, quem qui-ser dan-çar o Vi-ra, tem de es-co-lher o seu
par, —— tem de es-co-lher o seu par.

28 — *VIRA DE DOIS*

Rapazes, vamos ó vira,
Que o vira é coisa boa...
Tamém *sei dançar o vira,*
À modinha de Lisboa.

Rapazes, vamos ó vira [1],
Que o vira é coisa fina...

---

[1] No *Cancioneiro de Entre Douro e Mondego*, de Arlindo de Sousa, encontra-se uma variante desta quadra:

Ó moça, vamos ao vira,
Que o vira é coisa linda;
Eu já vi dançar o vira
Às mocinhas de Coimbra.

Tamém *sei dançar o vira*
À modinha de Coimbra.

Ra - pa - zes, Va - mos ao Vi - ra, — que o Vi - ra é coi - sa bo - a.
Ra - pa - zes, va - mos ao Vi - ra, — queo Vi - ra é coi - sa bo - a; "ta -
mém" sei dan - çar o Vi - ra à mo - di - nha de Lis - bo a. "Ta - mém" sei
dan - çar o Vi - ra à mo - di - nha de Lis - boa.

Rapazes, vamos ó vira
Que o vira é cor-de-rosa...
Tamém *sei dançar o vira*
À moda de Carvalhosa (1).

29 — *VIRA ESPANHOL*

Eu pintei este virinha
Na igreja de Sobrado (2);
Pintei-o de cor-de-rosa,
Sai-me da cor do cravo.

Eu pintei este virinha
Na igreja de Lordelo (3);

---

(1) Paços de Ferreira.
(2) Sobrado, perto de Valongo.
(3) Concelho de Paredes.

Também o hei-de pintar
Nas tranças do teu cabelo.

Eu pin-tei es-te Vi-ri-nha na i-gre-ja de So-bra-do; pin-
tei-o de cor de ro-sa — sa-iu-me da cor do cra-vo —

Eu pintei este virinha
Na igreja de Roriz [1];
Também o hei-de pintar
Na ponta do teu nariz.

30 — *CANA VERDE*

Ó minha caninha verde!
Ó minha verde caninha!
Vamos dar duas voltinhas
Da tua porta p'rá minha?

Ó cana, ó verde cana,
Verde cana ricòqueira [2],
Tenha o meu pai quem o sirva
Qu'eu já tenho quem me queira.

---

(1) Santo Tirso.

(2) «Ricòqueira»: amiga do «Ricócó». Por extensão, amiga de cantar e bailar. O «Ricócó», conhecido do Minho até às Beiras, foi compendiado a uma voz por César das Neves (*Cancioneiro de Músicas Populares*, III, pág. 108), a duas vozes por Pedro Fernandes Tomás (*Canções Populares da Beira*, pág. 33) e em «coro de terno» por Gonçalo Sampaio (*Cancioneiro Minhoto*, pág. 18).

Cana verde, ó verde cana [1],
Verde cana d'incanar;
Morreram as velhas todas
Já não há quem talhe o ar.

Ó mi-nha Ca-ni-nha Ver-de, Ó mi-nha Ca-ni-nha Ver-de, va-mos
dar du-as vol-ti-nhas da tu a por-ta p'r'a minha?

Ó minha caninha verde,
Meu brinquinho asseado;
Cuidei que me tinhas morrido,
Ou que me tinhas deixado.

Minha mãe ralhou comigo,
Por eu cantar e dançar;
Eu sou amante da borga,
Na borga hei-de acabar.

Ó minha caninha verde,
Ó minha salta-que-atrepa;
Dói-me muito a barriga,
Ando levada da breca.

---

[1] No *Cancioneiro de Entre Douro e Mondego*, de ARLINDO DE SOUSA, encontra-se, a pág. 352, a seguinte variante:

Ó minha caninha verde,
Verde cana de encanar...
Já morreram as velhas todas,
Já não há quem talhe o ar...

Antre canas e caninhas,
Auga deve de nascer;
Menina que estás na fonte,
Anda-dar-me de beber.

Eu auga le darei,
Pucarinho não le dou;
Não quero que tu te gabes,
Do que ninguém se gabou.

O pucarinho é de vidro,
Tocadinho do amor;
Por ditosa me daria,
De dar auga a tal senhor.

De dar auga a tal senhor,
E Nossa Senhora também;
Diga-me o senhor Manata,
Pela via que cá vem.

Pela via que cá vem,
Eu le digo na verdade;
Venho por passar o tempo,
São coisas da mocidade.

Raparigas do meu tempo,
Rapazes da minha idade,
Num façais como eu fiz...
Gozai-vos da mocidade.

31 — O MALHÃO

Da outra banda do rio,
É um regalo morar...
Quem tem sede vai beber,
Quem tem calor vai nadar.

Ó malhão, rico malhão,
Quem tem calor vai nadar.

Da ou - tra ban - da do ri - o é um re - ga - lo mo -
rar, quem tem se - de vai be - ber —— quem tem ca - lor vai na -
dar. Ó Ma - lhão, ri - co Ma - lhão, — quem tem ca - lor vai na - dar.

O meu amor disse que vinha,
Disse que vinha e não vêu.
Não me faças esperar...
Menina, quero ser teu.

Ó malhão, rico malhão,
Menina quero ser teu.

etc.

32 — CIRANDA

Ó ciranda, ó cirandinha,
Tu qu'andas a cirandar?
Não te mates, amada minha,
Pois que te podes cansar...

Ó Ci-ran-da, ó Ci-ran-da, tu que an-das a ci - ran - dar? ——
Não te ma-tes, a - ma - da mi-nha, pois que te po-des can - sar ——

Esta moda da ciranda,
É uma moda bem ligeira:
Faz andar as raparigas,
Como o trigo na peneira.

Ó ciranda, ó cirandinha,
Tu qu'andas a cirandar?
Quem quiser casar contigo,
Duas voltas tem de dar.

Ó ciranda, ó cirandinha,
Vamos nós a cirandar
Vamos dar a meia volta,
Meia volta, vamos dar.

33 — TIRANA

Tirana, olé! tirana,
Tirana, assim, assim...
Se queres, linda tirana,
Chega-te ó pé de mim.

Ti - ra - na, o - lé! Ti - ra - na, Ti - ra - na, as - sim, as - sim — Se que -
res, lin - da Ti - ra - na, che - ga - te p'r'ó pé de mim

Tirana, olé! tirana,
Tirana, do rosmaninho...
Quem dera, linda tirana,
Qu'eu fosse o teu amorzinho.

Tirana, olé! tirana,
Tirana, vem cá, vem cá!
Hei-de casar p'rà semana
C'um amor que vem lá.

Tirana, ó rica Ana,
Tirana, eu sou, eu sou,
Teu amor de toda a vida,
Que sempre contigo estou.

Tirana, para ser vista,
Subiu ao cimo da Ermida;
Quem a vê logo s'encanta
D'amor por toda a vida.

34 — O BATUQUE

A moda do Batuquinho,
Quem n'havia d'inventar?
Bate, bate, Batuquinho, se tu queres...
Quem n'havia d'inventar?

A mo - da do Ba - tu - qui - nho quem n'ha - vi - a d'in - ven-
tar —— Ba - te ba - te, Ba - tu - qui - nho, se tu
queres Quem n'ha - vi - - - a d'in - ven - tar ——

Os presos da Relação
'Stão à sombra, têm vagar.
Bate, bate, Batuquinho, se tu queres...
'Stão à sombra, têm vagar.

Eu pintei o Batuquinho,
Na horta da minha avó.
Bate, bate, Batuquinho, se tu queres...
Na horta da minha avó.

E morreu o Batuquinho,
Ficou a Batuca só.
Bate, bate, Batuquinho, se tu queres...
Ficou a Batuca só.

etc.

35 — O PERIM

Moro à beira do mar,
Moro mesmo à beirinha...
Da janela do meu quarto
Vejo pescar (1) *a sardinha.*

Bis
Ó do belo Valentim,
Isso não é assim...
Vamos dar a meia volta,
Ora viva o Perim!

Mo - ro à bei - ra do mar, mo - ro mes - mo à bei-
- ri - nha, da ja - ne - la do meu quar - to ve - jo pes - car a sar-
- di - nha. Ó do be - lo Va - len - tim, is - so não é as-
- sim, va - mos dan - do a vol - ta, O - ra vi - va o Pe-
- rim! Ó do be - lo Va - len - tim, is - so não é as-
- sim, va - mos dan - do a vol - ta, o - ra vi - va o Pe - rim!

Quem me dera, dera, dera,
Estar sempre a dar, a dar,
Beijinhos até morrer,
Abraços 'té 'cabar.

---

(1) Ou *saltar.*

Bis { *Ó do belo Valentim*
etc....

36 — *PISPAUTIRA*

Ó meu amor, anda, anda,
Ó Pispautira!
Eu quero-te ver andar,
Ó Pispautira!
Eu quero ver o teu brio,
Ó Pispautira!
Ó Pispautira!
A mais o teu passear,
Ó Pispautira!
Ó Pispautira!

Ó meu a - mor, an - da, an - da, ó Pis - pau - ti - ra! — Eu que - ro - te ver an -
- dar, ó Pis - pau - - ti - ra! — Eu que - ro ver o teu brio, ó Pis - pau -
ti - ra! ó Pis - pau - ti - ra! — "A" mais o teu pas - se - - ar, ó Pis - pau - ti - ra!
ó Pis - pau - ti - ra! — Ra - pa - ri - gas fran - cas, va - mos nós "ó", vi - ra? Va - mos
dar a mei - a vol - ta p'ra dan - çar o Pis - pau - - ti - ra? —

Raparigas francas,
Vamos nós, ó vira?
Vamos dar a meia volta
P'ra dançar o Pispautira.

37 — *SIM, CAROLINA* [1]

Que quereis à Carolina?
Que quereis? — Ela está bem...
Sim, Carolina, meu amor,
Sim, Carolina, ó ai, meu bem.

Que que-reis à Ca - ro - li - na?! Que que-reis? E - la'stá bem. Sim, Ca - ro-
li - na, meu a - mor; — sim, Ca - ro - li - n'ó ai, meu bem.

38 — *SIM, CAROLINA* [2]

Sim, Carolina, ó ai, ó ai,
Sim, Carolina, ó ai, meu bem.
Sim, Carolina, se tu fores,
Sim, Carolin'eu vou também.

Sim, Ca - ro - li - n'ó ai, ó ai; sim, Ca - ro - li - n'ó ai, meu bem.
Sim, Ca - ro - li - na, se tu fo - res, sim, Ca - ro - li - n'eu vou tam - bém.

---

(1) Cfr. GONÇALO SAMPAIO, *Cancioneiro Minhoto*, Porto, 1940, pág. 75.
(2) Canta-se em seguimento de «Sim, Carolina», n.º 37. Ver 2.ª parte de «Si, Carolina», recolhida por GONÇALO SAMPAIO (*Cancioneiro Minhoto*, pág. 75).

39 — O CÃOZINHO (1)

Tótó, meu cãozinho,
Tótó, passa ali!
O demo do cão
O que fez aqui?!

Tó - tó, meu cão-zi-nho, Tó-tó, pas-sa a-li! — O de-mo do cão — o que fez a - qui?!

Eu tenho um cãozinho
Chamado pivete;
Debaixo do rabo,
Tem um ramalhete.

Eu tenho um cãozinho
E você tem dois;
Adeus, meu amor,
Até ós despois.

Eu tenho um cãozinho
E você tem três;
Adeus, meu amor,
Até outra vez.

Eu tenho um cãozinho
Chamado Tótó;
Ele é malhadinho
Duma banda só.

---

(1) A terceira e a quarta quadras desta canção são iguais às duas primeiras colhidas por GONÇALO SAMPAIO e arquivadas por AUGUSTO C. PIRES DE LIMA no fasc. VI, pág. 56 do «Douro Litoral».

40 — *VIVA VILÃO*

— Amanhã, disseram elas,
Se o pintor aqui passar,
Viva, Vilão!
P'ra notar a oração,
P'ra rezar a Santo António
Aonde as freiras todas vão.

A - ma - nhã, dis-se - ram e - las, se o pin - tor a - qui pas - sar ——
vi - va, vi - lão, p'ra no - tar a o - ra - ção, P'ra re - zar a San-to An-
tónio, aon - de as frei - ras to - das vão ——

41 — *O LOUREIRO*

Se o loureiro não tivera
No meio tanta flor,
Da minha janela via
Passear o meu amor.

Se o lou - rei - ro não ti - ve - ra no mei - o tan - ta f(e) - lor —
da mi - nha ja - ne - la vi - a, da mi - nha ja - ne - la
vi - a pas - se - ar o meu a - mor ——

42 — TIM-TIM

Eu hei-d'ir, eu hei-de vir,
Pumba!
Falas te não hei-de dar.
E ó tim-tim,
Lai larai.
E ó tim-tim,
Larai larai,
Larai...

Eu hei - d'ir, eu hei - de vir Pum ba!. Fa - las - te, não hei - de
dar. E ó tim tim lai la - rai! E ó tim
tim lai la - rai, la - rai ——

Eu sempre gostei e gosto,
Pumba!
Dum homem pequenino.
E ó tim-tim,
Lai larai.
E ó tim-tim,
Larai larai,
Larai...

Que l'eu puxe pelas orelhas,
Pumba!
Arre ali, seu macaquinho.
E ó tim-tim,

Lai larai.
E ó *tim-tim,*
Larai larai,
Larai...

Minha mãe, p'ra me casar,
Pumba!
Prometeu-me quanto tinha.
E ó *tim-tim,*
Lai larai.
E ó *tim-tim,*
Larai larai,
Larai...

Depois de me ver casada,
Pumba!
Deu-me um fole sem farinha.
E ó *tim-tim,*
Lai larai.
E ó *tim-tim,*
Larai larai,
Larai...

O meu amor é doutor,
Pumba!
Em Braga tem cadeira.
E ó *tim-tim,*
Lai larai.
E ó *tim-tim,*
Larai larai,
Larai...

Ele é desembargador,
Pumba!
Eu sou desembargadeira.
E ó *tim-tim,*
Lai larai.
E ó *tim-tim,*
Larai larai,
Larai...

43 — *ROSA TIRANA* (1)

Não cortes a vide branca,
Ó Rosa Tirana,
Que tens à tua janela.
Trai larai, larai, larai.

Não cor - tes a vi - de bran-ca ó Ro — sa Ti - ra - na — que tens
à tu - a ja - nela Traí la - rai, la - raí, la - rai

44 — *Ó LINDA, Ó ROSA*

Ao passar às ervas
Achei um dedal,
Tem letras que diz:
— *Ó linda Rosa,*
Viva Portugal!

(1) Ver «Rosa Tirana», *in* GONÇALO SAMPAIO, *Cancioneiro Minhoto*, pág. 47.

Ao passar às ervas
Um dedal achei,
Tem letras que dizem:
— Ó linda Rosa,
Viva nosso Rei!

Ao pas-sar as er - vas, a-chei um de - dal. — Tem le-tras que
"di - z'ó " lin - da Ro - sa: Vi - va Por - tu - gal! —

Viva nosso Rei,
Ó meu bem, meu bem,
Quem cá fica, fica,
Ó linda Rosa,
Quem lá vem, lá vem.

45 — ESTRELA - ALMIRANTE

'Strela, Almirante,
('Strela das) sete quinas
Que de noite lhe rendem
Quatro meninas.
Ó do riquitim,
De mim cordel,
Biqueu, olé!

'Stre-la Al-mi - ran - te, ('Stre-la das se - te) qui - nas, que de noi - te lhe
ren - dem qua - tro me - ni - nas, ó do ri - qui - tim de
mim, cor - del, bi - queu, ó - - - lé! —

46 — SAIA BRANCA

A minha saia branca
Não tem rendas, não tem nada...
A saia, arredonda a saia,
Qu'assim fica arredondada.

A mi - nha sai - a bran-ca — não tem ren - das, — não tem na - da; A
sai - a ar - re - don - da a sai - a qu'as-sim fi - ca ar - re - don - da - da.

47 — SAIA BRANCA (1)

Ó Rosa, arredonda a saia,
Ó Rosa, arredonda-a bem...
Ó Rosa, arredonda a saia,
Olha a roda qu'ela tem.

Ó Ro-sa, ar-re-don - da a sai - a, ó Ro - sa, ar - re - don - da a bem ó
Ro - sa, ar - re - don - da a sai - a, o - lha a ro - da que e - la tem.

---

(1) Canta-se em seguimento de «Saia branca», n.º 46.

48 — *MENINA MARIANA*

— Oh! que pinheiro tão alto!
Quem lhe há-de colher a rama?
— Uma menina do Porto,
Que se chama Mariana.

Ó menina Mariana,
Olé, como tem passado?
Conta-me a tua vida...
— Olaré, pois sim...
— Muito obrigado!

Tempo de tango

Oh! que pi-nhei-ro tão al - to! Quem lh'há-de co-lher a ra - ma? U -
- ma me - ni - na do Por - to que se cha - ma Ma - ri - a - na.

49 — *O MEU AMOR*

Ó meu amor, anda, anda,
Eu quero-te ver andar,
Eu quero ver o teu brio,
E mais o teu passear.

Ó meu a - mor an - da, an - da, eu que - ro - te ver an - dar —
Eu que - ro ver o teu bri - o e mais o teu pas - se - ar.

Adeus, terra da Lameira,
Terra do meu Manuel;
Cartas, duas a duas,
Barato é o papel.

50 — *GIGA*

Anda, giga! Volta, giga!
Anda agora a maré!
Quem quiser dançar a giga,
Tem de pôr aqui o pé.

An – da, Gi – ga! Vol – ta, Gi – ga! An – da a – go – ra a ma – ré —

Quem qui – zer dan – çar a Gi – ga, tem que pôr a – qui o pé.

Esta modinha da giga,
Quem n'havia d'inventar?
— As raparigas d'aldeia,
'Stão à sombra, têm vagar.

Anda, giga! Volta, giga!
Anda sempre sem parar,
Anda sempre, toda a vida,
Anda sempre sem cansar.

51 — O CARRO AMERICANO

O carro americano
Anda numa roda só.
Tem pena, meu amor, tem pena,
Tem pena, meu amor, tem dó.

O car - ro a - me - ri - ca - no an - da nu-ma ro - da só. Tem pe - na, meu a -
mor, tem pe - na, tem pe - na, meu a - mor tem dó — Tem pe - na, meu a - mor, tem
pe - na, tem pe - na, meu a - mor, tem dó —

52 — AI, LARI - LO - LELA

Que passarinho é 'quele
Que canta na carvalheira?
Mas, ó ai, lari-lo-lela,
Que canta na carvalheira.

Que pas - sa - ri - nho é 'que - le que can - ta na car - va - lhei - ra?
mas, ó ai! la - ri - ló - le - la, que can - ta na car - va - lhei - ra?

É o galo do abade,
Que saiu da capoeira;
Mas, ó ai, lari-lo-lela,
Que saiu da capoeira.

Adeus, que me vou embora,
Adeus, que m'embora vou;
Mas, ó ai, lari-lo-lela,
Adeus, que m'embora vou.

Vou m'embora proqu'eu *quero,*
Qu'a mim ninguém me mandou;
Mas, ó ai, lari-lo-lela,
Qu'a mim ninguém me mandou.

Salsa da beira do rio
Dá-le *o vento,* belanceia;
Mas, ó ai, lari-lo-lela,
Dá-le *o vento,* belanceia.

Quem tem a mulher bonita
Ri-se de quem a tem feia;
Mas, ó ai, lari-lo-lela,
Ri-se de quem a tem feia.

Vós chamais-me moreninha,
Isto é do pó da eira;
Mas, ó ai, lari-lo-lela,
Isto é do pó da eira.

Vinde-me ver ó domingo
Como à rosa na roseira;
Mas, ó ai, lari-lo-lela,
Com'à rosa na roseira.

Sou branquinha com'à neve,
Dalgadinha *com'à cana;*
Mas, ó ai, lari-lo-lela,
Dalgadinha *com'à cana.*

Sou filha duma viúva,
Nenhum garoto m'engana;
Mas, ó ai, lari-lo-lela,
Nenhum garoto m'engana.

Tanto limão, tanta lima,
Tanta laranja no chão;
Mas, ó ai, lari-lo-lela,
Tanta laranja no chão.

Tanta menina bonita,
Nenhuma na minha mão;
Mas, ó ai, lari-lo-lela,
Nenhuma na minha mão.

Não m'atires com pedrinhas,
Qu'eu estou a lavar a louça;
Mas, ó ai, lari-lo-lela,
Qu'eu estou a lavar a louça.

Atira-me com beijinhos,
De modo qu'a mãe não ouça;
Mas, ó ai, lari-lo-lela,
De modo qu'a mãe não ouça.

53 — A MOIRARIA

Hei-de amar a Moiraria,
Hei-de amá-la, pois então!
Hei-de amar a Moiraria,
Da raiz do coração.

Hei-d'a - mar a Moi - ra - ri - a, Hei - d'a - má - la, pois en - tão! Hei -
-d'a - mar a Moi - ra - ri - a da ra - iz do co - ra - ção.

Da minha porta à tua,
Tudo é carreiro chão;
Tudo são cravos e rosas
Prantadas *por minha mão.*

Da minha porta à tua,
Tudo é carreiro direito;
Tudo são cravos e rosas
Prantadas *por teu respeito.*

Da minha porta à tua,
É o salto duma cobra;
Inda *espero de chamar*
À tua mãe minha sogra.

54 — MEU SENHOR DO CHAPÉU BRANCO

Meu senhor do chapéu branco,
Seu bigodinho frisado;
Ouves tu, ouves tu, tu, tu?
Ouves tu, ouves tu? Vem cá!

Meu se-nhor do cha-péu bran-co, seu bi - go - di - nho fri - sa - do Ou - ves
tu, ou - ves tu, tu, tu? — Ou - ves tu, ou - ves tu? vem cá!

Tem os seus beicinhos rotos,
De beijinhos que tem dado;
Ouves tu, ouves tu, tu, tu?
Ouves tu, ouves tu? Vem cá!

55 — O ROLÃO E A FARINHA

Se for da tua vontade,
Assim como é da minha,
Era bom que se juntasse
O rolão com a farinha.
Era bom que se juntasse
O rolão com a farinha...

O rolão com a farinha,
Anda tudo misturado;
Se for da tua vontade,
Anda amor par'ó meu lado.

Se for da tu-a von-ta-de, as-sim co-mo é da mi-nha, e-ra
bom que se jun-tasse o Ro-lão com a Fa-ri-nha. E-ra bom que se jun-
tas-se o Ro-lão com a Fa-rinha.

56 — *JÚLIA*

— Ó Júlia, ó Júlia, ó Júlia!
— Que é, que é, que é?
Quem quiser dançar a Júlia
Tem de pôr aqui o pé.

Ó Jú-lia, ó Jú-lia, ó Jú-lia! — Que é? que é? que é?! — Ó Jú-lia! ó
Jú-lia'. ó Jú-lia! — Que é? que é? que é?! — Quem qui-ser dan-çar a
Jú-lia, — tem de pôr a-qui o pé, quem qui-ser dan-çar a
Jú-lia, —— tem de pôr a-qui o pé. ——

57 — ZÉ QUE FUMA

Então que é do Zé que fuma?
Então que é do fumador?
Então que é do rapazito?
Então que é do meu amor?

En - tão que é do Zé que fu - ma? En - tão que é do fu - ma - dor? En -
tão que é do ra - pa - zi - to? En - tão que é do meu a - mor?

58 — A ROLINHA

A rolinha se queixou,
Que l'alargaram [1] *o ninho...*
Para que o fizeste, rola,
À beirinha do caminho?

Coro

Fala-me, rola,
A mim sòzinha;
Verás como ficas
Coradinha.

---

[1] *Alargaram* por alagaram.

A rolinha se queixou
Que le roubaram o ninho...
Para que o fizeste, rola,
Nesse ramo tão baixinho?

Coro

Fala-me, rola, etc.

Solo

A ro-li-nha se quei-xou que l'a-lar-ga-ram" o ni-nho. Pa-ra que o fi-zes-te,

ro-la, à bei-ri-nha do ca-mi-nho? Fa-la-me, ro-la, a mim sò-

zi-nha, ve-rás co-mo fi-cas co-ra-di-nha. Fa-la-me, ro-la'a mim sò-

zi-nha, ve-rás co-mo fi-cas co-ra-dinha.

Coradinha, ó linda, ó linda,
Laranja cor de limão;
Eu prometo de ser tua,
Mas per ora inda não.

Coro

Fala-me, rola, etc.

59 — AS MENINAS D'AGORA

Se fores ó estrangeiro,
Traz de lá dinheiro
Para nos casar.

Estas meninas d'agora
Traz saia travada,
Chapéu d'alguidar.

Se fo - res "ó" es - tran - - gei - ro, traz de lá di -
nhei - ro pa - ra nos "ca - - sar" — Se fo - res "ó" es - tran-
gei - ro, traz de lá di - nhei - ro pa - ra nos "ca - - sar" — Es - tas me - ni - nas d'a-
go - ra "traz" sai - a tra - va - da, cha - péu d'al - gui - - dar. — Es - tas me - ni - nas d'a-
go - ra "traz" sai - a tra - va - da, cha - péu d'al - gui - - dar —

Se fores ó estrangeiro,
Repara, repara,
Repara p'rà praia.

Estas meninas d'agora
C'um metro de pano
Já faz uma saia.

60 — *AURORA TEM UM MENINO*

À porta de S. Vicente,
Está muita gente,
Aurora não está.

Aurora tem um menino,
Tem um menino,
De quem será?...

Aurora tem um menino,
Tem um menino,
De quem será?...

Ele é do Chico, Chico,
Do Chico, Chico,
Da banda di lá.

À por - ta de S. Vi - - cen - te 'stá mui - ta gen - te Au - ro - ra não
'stá — Au - ro - ra tem um me - - ni - no, tem um me -
- ni - no, de quem se - - rá? — Au - ro - ra tem um me - - ni - no,
tem um me - ni - no, de quem se - - rá? — E - le é do Chi — - co,
Chi - co, do Chi - co, Chi - co da ban - da "di" lá —

Aurora tem um menino,
Tem um menino,
De quem será?...

Enquanto chora e não chora,
Chora e não chora,
Aurora virá.

61 — PÈZINHO

Ponha aqui o seu pèzinho,
Aqui à beira do meu;
Se ele é torto, enganchado,
O Senhor assim o deu...

Po - nha a-qui o seu pé - zi-nho, — a - qui à bei - ra do meu —
se e-le é tor - to, en - gan - cha - do, — o Se - nhor as - sim o deu —

Ponha aqui o seu pèzinho,
Ponha aqui seu compromisso [1];
Se ele é torto, enganchado,
Ninguém tem nada co *isso.*

Ponha aqui o seu pèzinho,
Ponha aqui, ó minha amada,
Se ele é torto, enganchado,
Co *isso ninguém tem nada.*

Ponha aqui o seu pèzinho,
Ponha aqui, torne a tirar...
Se ele é torto, enganchado,
Ninguém pode censurar.

---

(1) Sem compromisso?

62 — MEU AMOR

Solo

Bis { *Meu amor foi e deixou-me.*
Foi por eu ser feia,
Foi por eu ser feia.

Coro

Bis { *Fui eu o que teve a dita*
De arranjar a mais bonita,
Cá da nossa aldeia.

Solo

Meu a-mor foi e dei - - xou-me, foi por eu ser fei - a, foi por eu ser

fei-a. Meu a-mor foi e dei - - xou-me, foi por eu ser fei - a, foi por eu ser

fei - a. Fui eu o que "te - ve"a di - ta, de arran - jar a mais bo -

coro

- ni - ta cá da nos - sa al - deia. Fui eu o que "te - ve"a di - ta de arran-

- jar a mais bo - ni - ta, cá da nos - sa al - deia.

63 — O GRILO

Bis { *Rapazes da Beira-Alta.*
Tocais flauta
Ou violão?

Bis { *É um regalo* ouvi-lo
Cantar o grilo
Na tua mão (¹).

Ra - pa - zes da Bei - ra Al - ta, to - cais f(e) - lau - ta, ou vi - o -

- lão? — Ra - pa - zes da Bei-ra Al - ta, to-cais f(e)lau-ta, ou vi - o-

- lão? — É um re - ga - lo ou - - vi - lo can - tar o

gri - lo na tu - a mão. — É um re - ga - lo ou -

- vi - lo can - tar o gri - lo na tu - a mão. —

64 — *VELHO ESFARRAPADO*

Era um velho farrapado, *sem dinheiro,*
A fumar o seu cigarro saboroso.
Ó estrela do norte, alumeia!
É bonito, é bonito, é airoso...

E - ra um ve - lho "far - ra - pa - do", sem di - nhei - ro, — a fu - mar o seu ci -

gar - ro sa - bo - ro - so. — Ó es - tre - la do Nor - te "a - lu -

mei - a", — é bo - ni - to, é bo - ni - to e ai - ro - so. —

(¹) Interpretação popular fonética de:
É um regalo ouvir
O cantar(d)o grilo
Na tua mão.

65 — *A SENHORA MARIQUINHAS*

A Senhora Mariquinhas
Está na ideia,
Está na ideia de casar...
Está na ideia,
Está na ideia de casar...
E anda a roda!
Desanda a roda!
Escolha o par,
Escolha o par que lhe agradar.
Escolha o par,
Escolha o par que lhe agradar.

A se - nho - ra Ma - ri - qui-nhas 'stá na i-dei-a, 'stá na i-dei - a de ca -
- sar, 'stá na i - dei - a, 'stá na i - dei - a de ca - sar — E an-da a
ro - da — de - san - da a ro - da, 'sco - lha o par, es - co - lha o par que lh'a - gra-
- dar, 'sco - lha o par, es - co - lha o par que lh'a - gra - - dar.

66 — *A LARANJINHA*

Quem quiser a laranjinha,
Vá buscá-la à laranjeira...
Rouxinol, repenica e canta,
Ora! vai cantar à minha beira.

Quem qui - ser a la - ran - ji - nha, vá bus - cá - la à la - ran - jei - ra.
Rou - xi - nol re - pe - ni - ca e canta, O - ra vai can-tar á mi - nha bei - ra.

67 — *VELHO*

Debaixo da laranjeira
Está um velho a rezar;
A pedir a filha ó pai,
A filha ó pai, p'ra casar.

De-bai - xo da la-ran - jei - ra — 'Stá um ve - lho a re - zar, — a pe -
dir a fi-lh'ó pai, a fi - lh'ó pai p'ra se ca - - sar —

68 — *POR TI SUSPIRO*

Ó meu amor, anda, anda,
Eu quero te ver andar…
Eu quero ver o teu brio
A mais o teu passear.

Eu por ti suspiro,
Eu por ti dou ais,
Eu por ti, amor,
Já não posso mais.

Aí vem o meu amor,
Eu, no andar, o conheço:
Tem o andar miùdinho
Como a folha do codesso.

Eu por ti suspiro,
... ...
... ...
... ...

Ó meu a-mor, an-da an-da, — eu que-ro-te ver an-dar; — eu que-ro
ver o teu bri-o — ˙a˙ mais o teu pas-se-ar —
Eu por ti sus-pi-ro, eu por ti dou ais, eu por ti, a-
mor, — já não pos-so mais. Eu por ti sus-pi-ro, eu por' ti dou
ais, eu por ti, a-mor, — já não pos-so mais —

69 — *METE ABELHAS AO CORTIÇO*

Isso, isso...
Mete abelhas ao cortiço;
Se te eu quero bem ou não
Ninguém tem nada com isso.

Is-so, is-so, me-te a-be-lhas no cor-ti-ço, se t'eu que-ro
bem ou não, nin-guém tem na-da com isso. —

70 — NÃO SOU BREJEIRA

Se fores lavar ao rio,
Lava na pedrinha,
Junta a tua roupa,
Ó Ricócó,
P'ró pé da minha.

Estribilho

Ai sim, pois sim,
Há mais quem queira,
Ó Ricócó,
Não sou brejeira.

Se fo - res la - var ao ri - o, la - va na pe -
- dri - nha. jun - ta a tu - a rou - pa, ó Ri - có - có "p'r'ó" pé da
mi - nha, ai sim, pois sim, há mais quem quei-ra ó Ri - có - có, não sou bre-
- gei-ra, ai sim, pois sim, há mais quem queira, ó Ri-có - có, não sou bre - - gei - ra.

Eu não sou brejeira
Nem o quero ser;
Inda tenho rendas,
Ó Ricócó,
P'ra me manter.

Estribilho

Ai sim, pois sim,
Há mais quem queira,
Ó Ricócó,
Não sou brejeira.

IV — CANTIGAS DE TRABALHO

71 — *ZUMBA NA CANECA*

Dizes que não pode ser,
Silva verde dar um cravo...

Estribilho

Zumba na caneca,
A dar, a dar;
Zumba na caneca
Até quebrar.

O cravo trago-o ao peito,
Na mesma silva pegado.

Di-zeis que não po-de ser sil-va ver-de dar um cra-vo. Zum-ba na ca-
-ne-ca a dar, a dar, zum-ba na ca-ne-ca a-té que- -brar.—

Estribilho

Zumba na caneca,
A dar, a dar;
Zumba na caneca
Até quebrar.

72 — *ÓRFÃ*

Quem me dera ter mãe,
Inda que fosse uma silva...
Nem que ela me picasse,
Era sempre sua filha.

Quem me — de-ra ter mãe,— "in-da" que fos-se u-ma sil-va;
nem que ela me pí-cas-se e-ra sem-pre su-a fi-lha.

73 — *RAPAZES VOS VOU CONTAR* [1]

Rapazes, vos vou contar
Toda a minha inf'licidade...
Sempre fui desinfliz,
Até na mesma amizade;

---

[1] Este fado encontra-se em A. C. PIRES DE LIMA, *Tradições Pop. de Santo Tirso*, Porto, Separata da «Revista Lusitana», vol. XVIII, com o título: *A Donzela.* O enredo é idêntico, mas há passagens bastante diferentes. Cfr. também no *Folclore do Cadaval* de M. CARDOSO MARTA, *Cantiga da Pomba sem Fel*, 1934, pág. 39.

Eu tinha dezoito anos,
Quando a amar comecei;
Pela minha inf'liz sorte,
Pouco tempo me gozei.

Ra-pa - zes, vos vou can-tar — to-da a mi-nha in-f'li ci da de; sem - pre "foi"
"de-sin - fe - liz" — a - té na mes - ma a-mi - sa - de sem-pre "foi" "de - sin - fe-
- liz" — A - té na mes - ma a - mi - sade.

Menina órfã de pai,
Eu com ela amores tomei.
A mãe não era contente
Que ela amizades tivesse;
Amava pelas escondidas,
A modo que ninguém soubesse...

Ia para nove meses,
Não havia novidade...
Ao fim dos nove meses,
Deus lhe deu uma infermidade

Que andava por esse mundo,
Chamada a febre amarela;
No espaço de três dias,
Toma a morte a posse dela.

Chama a mãe à cabeceira,
E lhe diz com grande dor:
—Não posso dar alma a Deus
Sem me despedir do amor.

A mãe, por favor lhe pede
Que dissesse onde ele morava;
Ela tudo isso disse,
Até como se ele chamava.

A mãe mandou a criada,
Logo nesse mesmo dia:
— Anda ver a tua amada,
Está na última agonia.

Como eu nada sabia,
Sobressaltado fiquei;
Como era rapaz novo,
A criada acompanhei.

Logo que cheguei à porta,
Logo fiquei esmorecido;
Vi as janelas fechadas,
Julguei que tinha morrido.

Como eu lhe queria bem,
Sempre para dentro entrei;
Cheguei ao meio das escadas,
A minha amada avistei.

Fui entrando para dentro,
Ao seu leito me encostei;
— Aqui me tens, minha amada,
Mandaste-me chamar? — Mandei,

Pois eu aqui estou lidando
Com esta morte cruel.
Dá-me já cá um abraço,
Antes que me coma a terra.

— Toma já lá um abraço,
Amada, que te dou eu.
Apertou a mão na minha,
Virou ao lado e morreu.

Se alguém quisera ver
Os dois corações aflitos,
O meu e de sua mãe
Chorando em altos gritos...

Vai-te embora, negra morte,
Que me deixas neste mundo;
Levaste a minha amada,
Para esse poço sem fundo.

74 — O PAVÃO

Antoninho, como criança,
Uma pedrinha atirou;
A brincar com os estudantes,
Sem querer um pavom *matou.*

An - to - ni - nho, co - mo cri - an - - ça - U - ma pe - drí - nha a - ti - rou
a brin - car com os es - tu - dan - tes, sem que - rer um "pa - vom" ma - tou
A brin - car com os es - tu - dan - tes, sem que - rer um "pa - vom" ma - tou.

—*Que* fizestes, *Antoninho?*
Tu que estavas a fazer?
Matastes *o meu pavão?*
Da mesma morte vais morrer...

Antoninho foi p'ra casa
Muito triste, a chorar...
Logo que seu pai o soube,
Logo lhe veio perguntar:

—*Tu que tens, ó Antoninho?*
Não vale a pena chorar,
Que eu tenho muito dinheiro
Para lo *pavão pagar...*

—*Bons-dias, senhor Albino,*
Falo-lhe com criação...
Tome lá dezoito libras
P'ra pagar o seu pavão.

Tome lá dezoito libras,
Inda *mais as que virão,*
P'ra pagar o prejuízo
Que tinha na estimação.

—*Vá-se embora, senhor António,*
Como amigo, não é nada;
Mande o pequeno p'rà aula,
Que a morte está perdoada.

—Vai p'rà aula, Antoninho,
Que estás em tempo de aprender...
—Vou p'rà aula, meu pai, vou...
Adeus, não me torna a ver.

Saíram os estudantes.
Só ficou o Antoninho
Dentro da casa da aula,
Morio como um passarinho.

Logo que seu pai o soube,
Ficou cheio de horror;
Pegou num punhal na mão,
Foi matar o professor.

Na cidade de Coimbra,
Eram todos com paixão;
Foram logo duas mortes
Só por causa dum pavão (1).

75 — O CAÇADOR (2)

Eu fui esta noite à caça,
Lindo canário cacei;
Foi *levá-lo de presente*
À filha do nosso Rei.

---

(1) Esta composição e outras chamadas fados, embora não sejam de origem popular, aparecem popularizadas, muitas vezes pela via dos cegos, nas romarias.

(2) Vid. O Canário, *in* A. C. PIRES DE LIMA, *Trad. Populares de Santo Tirso*, Separata da «Revista Lusitana», vols. XX e XXI.

A filha do nosso Rei,
A princesa brasileira,
Mandou fazer a gaiola,
Da mais fininha madeira.

Depois da gaiola feita,
Vai o canário p'ra dentro;
Quer de dia quer de noite,
Era o seu divertimento.

Achou-se o canário doente
Com grande constipação;
Mandou chamar uma junta
De trinta e um cergião.

Os cergiões *eram velhos,*
Não le *deram com a cura;*
Lá vai o pobre canário
Para a sua sepultura.

Mandou resposta [1] *ao coveiro,*
Que le *fizesse os sinais;*
Para acompanhamento,
Trinta dúzias de pardais.

76 — EU SAÍ DE CASA UM DIA

Eu saí de casa um dia,
A recados de meu pai.
Aquele ladrão bádio
Proguntou: — *Aonde vai?*

---

[1] Recado.

Como eu, menina honrada
E de boa educação,
Sempre lhe fui respondendo
Ao que m'ele proguntou:
Vou a recados de meu pai
Que é de muita precisão.

Fui adiantando o passo
Como quem pressa levava...
Aquele ladrão vadio,
De trás de mim caminhava.

A primeira que me disse:
— «Oh, que céu tão bem estrelado!...
Só peço a Deus, menina,
Que seja do seu agrado».

A segunda que ele me disse:
— «Oh, que olhos na flor do rosto!...
Só peço a Deus, menina,
Que eu seja amor a seu gosto».

A terceira que me disse:
— «Que boca tão bem formada!...
Até ao bico do pé
É a dama mais delicada».

A quarta que eu lhe disse:
— «O seu amor não sou eu;
Há muitos homens na terra,
Você para mim morreu».
... ...
... ...

— Ó Senhor Juiz Direito (1),
Faça Justiça na terra;
Ou tem d'ir para soldado,
Ou tem de casar com ela.

— Ó Senhor Juiz eleito,
Como está Vossa Senhoria?
Casar com ela não caso,
Vai na minha companhia.

— Venha cá, seu assassino,
Visitar esta inocente.
Quem assim faz um engano,
Não deve andar entre gente,
Deve estar separado
Numa casa para sempre.

77 — MEU PAI, VENHA AO JANTAR

— Meu pai, venha ao jantar,
Que o jantar já está na mesa;
Antes não queria jantar,
Do que estar em casa presa.

— Tu que tens, ó minha filha?
Estás hoje muito queixosa...
Aborrece-te a cozinha?
Vais ficando preguiçosa...

---

(1) *Juiz Direito*, por Juiz de Direito. É evidente o trocadilho: Juiz *direito*, recto, íntegro.

— Vou ficando preguiçosa?
Isto em mim é vaidade;
Também quero apreciar,
O tempo da mocidade.

— Eu tenho quarenta anos,
Inda *há pouco fui mancebo.*
Quando ao casar tive medo,
Casei-me, fiz uma asneira;
Fui feliz, viuvei *cedo.*

— Se o papá viuvou *cedo,*
A mamã é quem sofria,
Espancando-a sem motivo
Toda a noite e todo o dia.

— O homem na sua casa
Faz figura de varão.
Quem dá com mulher teimosa
Que teima contra a razão,
É pegar num pau na mão,
Dar-lhe até cair no chão.

— A mulher não é criança,
Que apanhe a todo o momento...
Fala tanto como o homem
No dia do casamento.

Calor de moça solteira
Não é fácil de apagar,
Nem que o Doutor receitasse
Sessenta mil bainhos *do mar;*
Só com os três bainhos *da igreja*
É que se pode apagar.

Os três bainhos *da Igreja,*
Tem três semanas de prazo;
Vou tirar licença de bainhos,
Não quero ter tanto atraso;
Não quero que ninguém saiba
O dia em que m'eu caso.

— *Casa-te quando quiseres,*
Levas o dote contigo;
Não te dou nada em vida
Nem depois de falecido.

— *Ó meu pai, como é belo!*
Leve tudo em morrendo;
Deixe-me um mocinho chique,
É a riqueza que eu pretendo.

— *Considera, ó minha filha,*
Bem a vida do casar,
Qu'a companhia do pai
Muita vez t'há-de lembrar.

— *A companhia do pai,*
Eu lhe dou pouco valor;
O que quero é chigar
Às mãos do meu rico amor.

78 — ESCREVI-TE OITENTA CARTAS

Escrevi-te oitenta cartas
No espaço de mês e meio.
Se a elas respondestes...
Às minhas mãos nunca veio (¹).

(¹) A resposta.

A teu pai me derigi,
Pedindo-te em casamento;
O bom velho me atende,
Consegui o meu intento.

Consegui o meu intento...
Contente, que sim, me diz.
Tu disseste-me que não,
Logo torcestes *o nariz!*

Tencionavas-te casar,
Com pessoa rica e nobre.
Além de eu ser mal feito,
Era feio, era pobre.

Cuidavas, por eu ser pobre,
Não tinha merecimento.
Mil moças que me pretendem
Sòmente p'ra casamento...

Eu pretendo-a escolher
De juízo e bem bonita,
P'ra com ela me casar,
Dela fazer minha dita.

Dela fazer minha dita,
Do enlace dar o nó,
Fazer com que duas almas,
Se confundam numa só.

Castigar-te, eu te castigo,
Sem pau, nem ferro, nem medo;
Vai ver outro que te queira,
Se não chucharás no dedo.

Quando eu quis, tu não quiseste,
Tivestes openião;
Agora queres, eu não quero,
Tenho minha prosunção.

79 — *BONS-DIAS, SENHOR REBELO*

— *Bons-dias, Senhor Rebelo!*
— *Bons-dias, menina Arminda!*
— *Diga-me se tem ou não*
Rendilhas de seda fina.

— *Tenho-a aqui muito boa,*
Tenho-a aqui muito linda.
— *Então deixe-me cá ver...*
— *Que pressa tem! Não vá* inda...

— *Os patrões são rabugentos,*
Dão-me recados aos centos;
Se eu fosse senhora minha,
Não passava tais tormentos.

— *No Porto não faltam casas,*
P'ra quem sabe trabalhar...
Se os patrões são rabugentos,
Tratava de me mudar.

— Senhor fala muito bem,
Pois que não lhe falta nada...
Trabalho de dia a dia,
Inda vivo atrasada;
O que seria de mim
Se vivesse desempregada?...

80 — *TENHO UMA ROUPA NOVA*

Tenho uma roupa nova
Que ficou por uma conta;
Quando a visto ao domingo,
De roupa ninguém me afronta.

Eu tenho um chapéu novo,
Que me custou um cruzado;
Nem tem copa nem tem beira,
Está todo roto ao lado.

Também tenho um casaco
Feito de novo modelo;
Nem tem costas nem tem mangas,
Está roto no cotovelo.

Tambêm tenho o meu colete
Que me fica bem ao peito;
Romendo sobre romendo,
Sabe-se lá de qual foi feito!

Também tenho meus calções
Feitos de pano da feira;
Já mos quiseram comprar
P'ra espantalho duma figueira.

Também tenho a camisa,
Feita de pano de linho;
Nem tem costas nem tem mangas,
Está rota no colarinho.

Também tenho meus sapatos,
Nem tem biras *nem tem solas;*
Os frades, lá do convento,
Saem pelas portinholas.

Com respeito a pares de meias...
Eu só dessas tenho dez;
Inda *que as vista todas,*
Elas não me cobrem os pés.

V — TOADAS DE PEDREIROS

81 — *TOADA DOS PEDREIROS DE SEQUEIRÔ*

Há anos, encarreguei um pedreiro de Sequeirô (1) de proceder à construção de um coberto da eira para substituir outro que pouco antes tinha mandado demolir.

No decorrer dos trabalhos pude observar inúmeras vezes que, quando

---

(1) Faz parte de um grupo de quatro freguesias, do concelho de Santo Tirso, situadas ao norte do Rio Ave. Nesta freguesia, devido talvez à abundância de granito, há muitos pedreiros: mais do que nas outras três freguesias. E há famílias onde se mantém a tradição do ofício.

era necessário deslocar uma pedra com o auxílio de vários homens, o mestre entoava uma monótona cantilena:

Ei, pedra, ei!
A *ou, pedra, ou!*
Ei, anda, ei!
Ei, manda, ou!
Ei, manda, ei!
... ...
Ei, agarra, ou! (¹)
... ...

Ou! pe-dra-(a),ou! Ei! pe - dra,ei! Ei! man - da -(a), ou! Ei! pe - dra - (a), ou! Ei!
fo - ra-(a), ou! Ou! ro - la-(a), ei! Ou, pe - dri-ta-(a), ei! Ou!ro - la-(a), ou! Ou!
pe - dra-(a), ei! Ou - (a)! Ei! Ei, em-pur - ra - (a), ou! Ei! pe - dra -(a), ou! Pe-
- dra-(a),ou! Pe - dra-(a), ei! Ei! pe-dra-(a), ou! Pe - dra-(a), ou! Pe - dra-(a), ou! Ei!
pe-dra-(a), ei! Ou! a - li - vi - a - (a), ou! Ou! a - li - vi - a - (a), ou! A - li-
- via-(a), ou -(a)! Ou! a- li - vi - a - (a), ou! Ou! ro - la - (a), ou! Pe - dra -(a), ou! Man-
- da - (a), ei! Pe - dra - (a), ou! Man - da - (a), ou! Ou! pe - dra-(a), ou! Ou!
pe-dra, ei! Ei! a - li - vi - a - (a), ou! Pe - dri - ta - (a), ei! Pe - dra-(a), ei!

(¹) Pelas normas da ortoépia aplicáveis ao canto melismático as palavras «pedra», «anda» e «manda» soam como *pedraa, andaa* e *mandaa*. É assim, também, que no canto eclesiástico a palavra «Deus» pode soar como *Deeus*.

E, assim, cantarolando, conjugavam-se sincrònicamente os esforços dos pedreiros, e as pedras iam-se deslocando lentamente e com uma monotonia idêntica à da cantilena...

Não havia, porém, um esforço isolado que se perdesse. Os movimentos tinham um comando único.

Conhecia uma toada dos pedreiros colhida em Melgaço pela minha prima MARIA CLEMENTINA PIRES DE LIMA TAVARES DE SOUSA (1). Lembrei-me de obter a música. E, na triste impossibilidade de já não poder recorrer àquela minha prima para a obter, pedi ao meu Amigo Sr. LUÍS C. BARBOSA que, de longe, sem ser observado pelos operários, a reproduzisse (2).

VI — ANFIGURIS

82 — *EM LISBOA SE FORMOU...* (3)

Em Lisboa se formou
Palácio de grande altura.
Casa cheia tem fartura.
Quem doba tem seu sarilho.
Corre *as galinhas p'rò milho,*
Enche *o papo como* as *mais;*
Na boca dos lavradores
Quem paga são os pardais.

---

(1) Vid. J. A. PIRES DE LIMA, *Ares do Campo*, Barcelos, 1937.

(2) A música foi revista pelo grande investigador MÁRIO DE SAMPAYO RIBEIRO a quem me confesso muito grato.

(3) Cfr. A. GOMES PEREIRA, *Tradições Populares. Linguagem e Toponimia de Barcelos*, Esposende, 1916.

O burro leva atrafais,
Também são dados estribos.
Toda a feira vende figos
P'ra contentar os rapazes.

Em Lis-bo-a se for-mou — pa-lá-cio de gran-de al-tu-ra. Ca-sa cheia, tem al-
tu--ra quem do-ba tem seu sa-ri-lho" Cor-re"as ga-li-nhas p'ró mi-lho, "en-che"o pa-
po co-mo as "mais";- na bo-ca dos la-vra-do-res, quem pa-ga são os par-dais.

No mar andam alcatrazes,
Também s'encontram gaivotas.
Menina das pernas tortas,
Cura as f'ridas com unguentos?...
Quem mói o moinho é o vento,
Quem tece a teia é a aranha.
Ó que cantiga tamanha
Que não tem ponta nem fim!
Meu raminho d'alecrim,
Que se dá aos namorados.
As armas são p'ròs soldados,
Também são p'ròs caçadores.
Triste de quem tem amores,
Bem ligeiro deve andar!
A gaita é p'ra tocar,
O pente é p'rà cabeça.

Menina, não endoideça
Que ainda pode ser feliz,
Que tem tamanho nariz,
Que lhe chega até ao seio...
Todo o mundo fala e diz
Ele que tem palmo e meio.
Vai-te embora, nariz malvado,
Feito com tanto vigor;
Inda *ontem* fostes *gabado*
P'ra bigorna dum ferrador!
E p'ràs asas dum arado,
P'ràs baquetas dum tambor!

83 — O CAMINHANTE

Indo pelo mar abaixo,
Muito do meu vagarinho,
Na borracha levo pão,
Nos alforjes levo vinho.

Indo eu para a taberna,
Para fazer o jantar,
Estava o vendeiro parido
E a mulher a lavrar.

Foi uma resposta (1) *ao campo,*
Para ela o vir fazer;
Pegando nos bois às costas,
Soltou o arado a comer.

---

(1) *Resposta,* recado.

Chigou *a mulher a casa,*
Não sabe o que há-de arranjar...
Tinha o cão no poleiro,
E a galinha a laidrar.

A cadela choca os pintos
A porca faz o jantar,
A galinha assopra ò lume,
O gato esgravata o lar.

VII — CEGARREGAS

84 — *A VELHA*

1.º

Era uma velha
Que tinha um gato,
Debaixo da cama o tinha.
O gato miava,
A velha dizia:
— Malo *haja o teu miar,*
Que me não deixas dormir
Nem tão pouco descansar.

E - ra u - ma ve - lha que ti - nha um ga - to, de - bai - xo da ca - ma o
ti - nha o ga - to mi - a - va a ve - lha di - - zi - a: "ma - lo"
ha - ja o teu mi - ar "ma - lo" ha - ja o teu mi - ar — que me não dei-
- xas dor - mir — nem tão pou - co des - can - - sar.
D.C.

2.º

Era uma velha
Que tinha um cão,
Debaixo da cama o tinha.
O cão laidrava * (1),
O gato miava *,
A velha dizia:
Malo *haja o teu* laidrar **,
Malo *haja o teu miar* **,
Que me não deixas dormir
Nem tão pouco descansar.

3.º

Era uma velha
Que tinha um galo,
Debaixo da cama o tinha.
O galo cantava *,
O cão laidrava *,
O gato miava *,
A velha dizia:
Malo *haja o teu cantar* **,
Malo *haja o teu* laidrar**,
Malo *haja o teu miar* **,
Que me não deixas dormir
Nem tão pouco descansar.

---

(1) Os versos providos de um asterístico cantam-se com sucessivas repetições do elemento melódico indicado pelas letras AB; os dois asterísticos assinalam os que se cantam com sucessivas repetições do elemento CD.

4.º

Era uma velha
Que tinha um porco,
Debaixo da cama o tinha.
O porco roncava *,
O galo cantava *,
O cão laidrava *,
O gato miava *,
A velha dizia:
Malo _haja o teu roncar_ **,
Malo _haja o teu cantar_ **,
Malo _haja o teu_ laidrar **,
Malo _haja o teu miar_ **,
Que me não deixas dormir
Nem tão pouco descansar.

5.º

Era uma velha
Que tinha um burro,
Debaixo da cama o tinha.
O burro rinchava *,
O porco roncava *,
O galo cantava *,
O cão laidrava *,
O gato miava *,
A velha dizia:
Malo _haja o teu rinchar_ **,
Malo _haja o teu roncar_ **,
Malo _haja o teu cantar_ **,

Malo *haja o teu* laidrar **,
Malo *haja o teu miar* **,
Que me não deixas dormir
Nem tão pouco descansar.

6.º

Era uma velha
Que tinha um boi,
Debaixo da cama o tinha.
O boi berrava *,
O burro rinchava *,
O porco roncava *,
O galo cantava *,
O cão laidrava *,
O gato miava *,
A velha dizia:
Malo *haja o teu berrar* **,
Malo *haja o teu rinchar* **,
Malo *haja o teu roncar* **,
Malo *haja o teu cantar* **,
Malo *haja o teu* laidrar **,
Malo *haja o teu miar* **,
Que me não deixas dormir
Nem tão pouco descansar.

7.º

Vê-se a velha
Obrigada
A tomar a decisão...
Mata o boi *,

Mata o burro,*
Mata o porco,*
Mata o galo,*
Mata o cão,*
Mata o gato.*
A velha dizia:
*Acabou-se o teu berrar**,*
*Acabou-se o teu rinchar**,*
*Acabou-se o teu roncar**,*
*Acabou-se o teu cantar**,*
Acabou-se o teu laidrar ***,*
*Acabou-se o teu miar**,*
Agora posso dormir,
Também posso descansar.

85 — *AS MARRAFAS* [1]

Eu tinha doze marrafas,
Mandei-as fazer o bronze...
Deu tanglo-mango *nelas,*
Das marrafas, tenho onze.

---

[1] Cfr. *Tango Mango,* publicado por SOEIRO DE BRITO, in *Revista do Minho,* ano XVI, 1902, pág. 142 e *Trabalenguas* no *Cancioneiro popular gallego* de H. JOSÉ PÉREZ BALLESTEROS, t. III, pág. 285, n.º 3 (1886), que começam:

«Elas eran once damas
todas amigas d'o xuez,
pegóu o tàngano-màngano n-elas
non quedaron senón dez.»

Dessas onze que elas eram,
Mandei-as lavar os pés...
Deu o tanglo-mango *nelas,*
Das marrafas, tenho dez.

Eu tí - nha du - as mar-
ra - fas man-dei-as fa-zer o bron-ze
deu o tan go man go ne-las, das mar ra - fas te-nho on-ze

Dessas dez que elas eram,
Mandei dar esmola ao probe...
Deu o tanglo-mango *nelas,*
Das marrafas, tenho nobe.

Dessas nobe *que elas eram,*
Mandei-as fazer biscoito...
Deu o tanglo-mango *nelas,*
Das marrafas, tenho oito.

Dessas oito que elas eram,
Mandei-as fazer molete...
Deu o tanglo-mango *nelas,*
Das marrafas, tenho sete.

Dessas sete que elas eram,
Mandei-as cantar os reis...
Deu o tanglo-mango *nelas,*
Das marrafas, tenho seis.

Dessas seis que elas eram,
Mandei-as fazer um brinco...
Deu o tanglo-mango *nelas,*
Das marrafas, tenho cinco.

Dessas cinco que elas eram,
Mandei-as tirar retrato...
Deu o tanglo-mango *nelas,*
Das marrafas, tenho quatro.

Dessas quatro que elas eram,
Mandei-as ir ao Gerês...
Deu o tanglo-mango *nelas,*
Das marrafas, tenho três.

Dessas três que elas eram,
Mandei-as lavar as ruas...
Deu o tanglo-mango *nelas,*
Das marrafas, tenho duas.

Dessas duas que elas eram,
Mandei-as ir ver a lũa...
Deu o tanglo-mango *nelas,*
Das marrafas, tenho uma (1).

---

(1) Inicialmente, dir-se-ia *hũa*, rimando com *lũa*.

Dessa uma que ela era,
Mandei-as fazer a ceia...
Deu o tanglo-mango *nelas,*
Das marrafas, tenho meia.

Dessa meia que ela era,
Mandei-a fazer o pão...
Deu o tanglo-mango *nelas,*
Acabou-se a geração.

VIII — LENGALENGAS

86 — *EM LISBOA FUI NASCIDO* (1)

Em Lisboa fui nascido,
No Porto, fui baptizado,
Em Braga tomei amores,
Em Guimarães já casado.

*

À uma hora fui nascido,
Às duas fui baptizado,
Às três já era homem,
Às quatro era casado,
Às cinco era doente,
Às seis fui sacramentado,
Às sete já era morto,
Às oito fui sepultado.

---

(1) Vid. a quadra *Minha terra é Redundo,*

IX — ARREMEDOS DE ORAÇÕES

87 — *MANDAMENTOS DO AMOR* [1]

Primeiro, amar a Deus,
Sobre tudo quanto há.
A Deus na terra e no céu,
E a ti amo-te cá...

Segundo, não jurar
O seu Santo nome em vão.
Eu cá só fez uma jura,
Que é de dar-te a minha mão...

Terceiro, que é guardar
Domingos e Dias Santos.
Só deixo de os guardar,
Por causa dos teus encantos...

O quarto, que é honrar
Nosso pai e nossa mãe.
Eu sempre os tenho honrado,
Mas honro-te a ti também...

---

[1] Cfr. *Os Mandamentos dos Amantes*, publicado por SOBIRO DE BRITO, in «Revista do Minho», ano XVI, pág. 126, 1902.

Vid. A. C. PIRES DE LIMA, *Tradições Populares de Santo Tirso*, in «Revista Lusitana», vols. XX e XXI.

Quinto, que é não matar.
Eu nunca matei ninguém;
Só matava se pudesse,
Saudades que o peito tem...

Sexto, guardar castidade.
Bastante tenho guardado;
Só p'ra te guardar respeito
Bem pouco tenho pecado...

Sétimo, que é não furtar
O que aos outros pertencer.
Eu só te furtava a ti
Se acaso pudesse ser...

Oitavo, não levantar
Testemunhos a ninguém.
Eu nunca os levantei,
Só digo: quero-te bem!

Nono, é não desejar
A mulher do semelhante.
Só te desejava a ti,
Se me tu fores constante...

Décimo, não cobiçar
Coisas que alheias são.
Só te cobiçava a ti,
Das raízes do coração...

E estes dez mandamentos
Se encerram só em dois:
Amar a Deus sobre tudo,
E amar-te a ti depois.

X — QUADRAS

Abençoado carvalho
Que no ano dá quatro frutos:
Bugalhos e bugalhinhas,
Landes e maçãs de cuco [1].

A cana verde do mar
Navega no maior fundo;
Ainda que eu queira, não posso
Tapar as bocas do mundo.

Adeus, pai, e adeus, mãe,
Adeus, gado que eu guardei,
Adeus, manos, adeus, manas,
Terra onde me eu criei.

Adeus, Penafiel,
Adeus, ó pena, ó pena!
Cada um tem a sua;
Ou maior, ou mais pequena.

---

[1] O povo supõe que os bugalhos e as maçãs de cuco são frutos do carvalho.

Adeus, que me vou embora,
Adeus, que me embora vou;
Adeus, que me vou embora,
Qu'eu desta terra não sou.

Adeus, que me vou embora,
P'rà semana que vem;
Quem não me conhece, chora,
Que fará quem me quer bem?!

Adeus, que me vou embora
P'rà terra das andorinhas;
Bota cartas ao correio,
Se quiseres novas minhas.

Adeus, terra de Redundo,
Pedra onde m'eu assentava;
Adeus, amores qu'eu tinha,
Tudo por tempo acaba.

Adeus, terra de Redundo,
Terra de tanto arvoredo;
É terra da ramalhada,
Onde canta o cuco cedo.

Ai de mim, que já não posso
Com tantas penas amar-te!
Se tu tens quem te pretenda,
Eu resolvi-me a deixar-te.

Ainda que meu pai me mate,
Minha mãe me tire a vida,
Minha palavra está dada,
Minha mão está prometida.

Altos muros tem teu peito,
Que eu a todos tenho ido;
Só me falta ir agora
Às torres do teu sentido.

Amor tolo, amor doudo,
Amor das ervas do campo;
Não cuidei de o meu amor,
Antoninho, durar tanto...

Antoninho é pedreiro,
Fez a cama no penedo;
Esta noite caiu neve,
Coitadinho do mancebo!

António, lindo António,
Lindo amor tenho eu;
Quem tem um amor António
Tem uma quinta de seu.

António, lindo António,
Lindo nome de rapaz;
Co'as tuas falas meigas
Não sei se m'encantarás.

Ao chegar às ervas (1)
Achei um dedal...
Tem letras que diz:
—*Viv'ó Portugal!*

Ao chegar às ervas,
Um dedal achei:
—*Viv'ó Portugal!*
—*Viv'ó nosso rei!*

A oliveira do adro
É mais alta que o Padrão;
Quem não quer que o mundo fale
Não le *dê ocasião.*

A oliveira se queixa,
(Se se queixa, tem razão...)
De le colher *a azeitona*
E botar *a rama ao chão.*

À porta do meu amor
Está uma silva nascida:
As mulheres a cinco réis,
Os homens a meia libra.

À porta do meu amor,
Tudo é caminho chão,
Tudo são cravos e rosas
Prantadas *por minha mão.*

---

(1) Cantada nas esfolhadas e sachadas.

Aquela menina chora
Porque eu a enganei;
Neste mundo ela chora,
No outro eu penarei.

Aqui cheira-me a pão branco ([1]),
É sinal de casamento;
Vamos a comer o pão branco,
Qu'o casar tem muito tempo.

A Senhora de Valinhas
É nossa mãe verdadeira;
Quando formos p'ró Céu,
Ela vai à nossa beira.

A Senhora vai-se embora,
Quem me dera ir com ela...
Vai-se embora a luz do mundo,
A formosura da terra.

As estrelinhas do céu corre
Todas numa carreirinha,
Assim corre *os amores*
Da tua mão p'rà minha.

As faces da tua cara
São rosas de Alexandria,
Dão clareza de noite
Como que fora de dia.

([1]) É costume, no segundo dia dos banhos, a noiva levar às pessoas amigas uma rosca de pão trigo. Quem recebe o pão branco fica obrigado a dar prenda à noiva.

Assubi *ao limoeiro,*
Colhi uma só vargasta;
P'ra quem for entendido
Meio aceno lhe basta.

À tua porta, menina,
Não chove nem cai orvalho;
Menina, s'há-de ser minha,
Não me dê tanto trabalho...

Canta, meu amor, canta,
Que o teu cantar me regala...
Eu muito gosto de ouvir
Requebros na tua fala!

Deixaste a mim por outro,
Só p'r'amar a quem mais tem;
Eu por dinheiro não deixo
De amar a quem quero bem.

— Diz-me lá, erva cidreira,
Por que causa não dás fruto?
— O ano foi muito seco
E em estar verde fez [1] *muito.*

Em Lisboa foi [2] *nascida,*
No Porto foi *baptizada,*
Em Braga tomei amores,
Em Guimarães foi *casada.*

---

[1] Fiz.
[2] Fui.

Eu cheguei aqui agora,
Cheguei agora aqui;
Chegaram-me as soidades,
Venho em busca de ti.

Eu hei-de te amar, amar,
Ao saltar duma parede;
Hei-de te amanhar o laço,
Que me hás-de cair na rede.

Falais de mim, falais d'oitro,
Não olhais p'ra vossa casa;
Cando a minha fumega,
A vossa já arde em brasa.

Foi ao céu, adormeci,
Duma nuve fez (1) encosto,
Dei um beijo numa estrela,
Cuidando que era o teu rosto.

Fui ao mar p'ra ver l'água,
Ao jardim p'ra ver flores,
Ao céu p'ra ver estrelas,
Aqui p'ra ver meus amores.

Fui-me deitar à horta,
Não achei o cobertor;
Abanei o pessegueiro,
Abriguei-me com a flor.

---

(1) Fiz.

Fui ó jardim passear
Pr'a espalhar minha dor;
Encontrei o teu retrato
Na mais brilhante felor.

Hei-de amar a cerejinha,
Por causa da cerejeira;
Hei-de amar tua mãe,
Por causa de ti, roseira.

Hei-de cantar, hei-de rir,
Eu hei-de ser muito alegre;
Pra *tomar canseira doutro,*
Inda *o tempo se não perde.*

Hei-de cantar muito alto
Que se ouça no Padrão;
Que ouçam os meus amores
Onde quer que eles estão...

Inda *qu'eu seja pequena,*
Sou mulher de minha casa;
Se não chegar à masseira,
Ponho-me em cima da rasa.

Indo eu por Braga acima,
Deu-me um cheirinho a rosas;
Nunca vi terra tão seca
Dá-las flores tão mimosas.

Lá no céu vem uma nuve,
Todos dize: — *Bem na vi!*
Todos falo *e* murmuro,
Ninguém olha para si.

Loureiro, verde loureiro,
Baga, quem te há-de apanhar?
Eu a mai-lo *o meu amor,*
Muito de nosso vagar.

Loureiro, verde loureiro,
Seca veja a tua rama;
Qu'eu inda estou por criar,
Já vou pagando fama.

Manjericão da janela,
Já te podes ir secando;
Quem te regava morreu,
E eu já me vou enfadando.

Minha mãe, minha mãezinha,
Não se pode ser mulher:
Se é bonita, ganha fama,
Se é feia, ninguém a quer.

Minha terra é Redundo,
Que lá fui nascida,
Que lá fui criada,
Que lá fui prometida.

Moro à beira do rio,
Moro mesmo à beirinha;
Da janela do meu quarto,
Vejo saltar a sardinha.

Não chores, meu amor, não chores,
Que o chorar derrama o peito;
Quem chora por amores doutro...
São lágrimas sem proveito.

Não cortes a vide branca
Que tens à tua janela;
É escada do amor,
Que sobe e desce por ela.

Não culpeis a videirinha
Que puseram à janela;
É escadinha do amor,
Que sobe e desce por ela.

Não posso andar de noite,
Nem de madrugada cedo;
Qu'eu ando ameaçado
De quem tenho pouco medo.

No mar anda um bichinho
Que se chama tubarão;
Se ele não comesse gente,
Dava-le o meu coração.

No meio daquele mar
Anda uma pomba branca;
Não é pomba, nem é nada,
É o mar que se alevanta...

No meio daquele monte
'Stá um jardim a secar;
Os meus olhos se avinturo
A dar auga p'rò regar.

O cantar é p'rós tristes,
Quem no pode duvidar?
Quantas vezes cantarei
Com vontade de chorar?

O cantar para espalhar
Não é nenhuma loucura;
Eu a cantar vou pedindo
Ao Senhor boa vintura.

O coelho é matreiro,
Drome c'os olhos abertos;
Eu drumo c'os meus fechados,
E os meus amores estão certos.

O cravo, depois de seco,
Foi-se queixar ao jardim;
E o jardim le respondeu:
— Não te apartarás de mim.

O loureiro é loucura,
A baga, variedade,
Eu foi a que variei,
Na flor da minha idade.

Ó luar da meia-noite,
Tu és o meu inimigo;
Estás à porta de quem amo,
Num posso entrar contigo.

O meu amor, coitadinho,
De repente adoeceu;
Faltaram-l'os meus carinhos,
Não pôde viver: morreu.

O meu amor é do Porto,
É meio acidadão:
Traz uns sapatinhos novos,
Não tem solas, nem tacão.

O meu amor e o teu
Andam ambos na ribeira;
O meu anda à erva doce
E o teu à erva cidreira.

O meu amor é um burro,
Ganha uma libra por hora;
Ganhe ele muito dinheiro,
Seja burro muito embora.

O meu amor é um tolo,
Cuida que eu o adoro;
Cuida, em me ver chorar...
Sabe Deus por quem eu choro...

O meu amor me pediu
Qu'eu por ele não chorasse,
Que se l'eu queria bem,
Que o não apaixonasse.

O meu amor, onte *à noite,*
Pela vida me jurou
Que se ia botar ao mar,
E eu atrás dele não vou.

Ó meu amor, vai-te embora.
Dá vejitas *aos parentes;*
As dávitas *que t'eu der*
Num *t'hão-de quebrar os dentes.*

Ó meu amor, vinho, vinho,
Qu'eu água não sei beber;
Qu'a água tem sanguessugas,
Tenho medo de morrer.

Ó minha caninha verde,
Ó minha verde caninha;
Não faças a tua cama,
Anda-te deitar à minha.

Ó oliveira do adro,
Não assombres a igreja!
Já bem assombrado anda
Quem não logra o que deseja...

Ó pedras desta calçada,
Levantai-vos e dizei
Quem vos passeia de noite,
Qu'eu de dia bem não sei [1].

Ó rio, tu que levas?
Levas sumo de limão?
Quem num quer qu'o mundo fale
Não le dê ocasião.

O serpão é miudinho,
A mais corre muita terra;
Não torno a ter amor
Leal como o teu era.

Os meus olhos são dois peixes,
Navegam numa canoa...
Choro lágrimas de sangue
Por uma certa pessoa.

Os olhos da tua cara
São duas azeitoninhas;
Fechadas, são dois botões,
Abertos, duas rosinhas.

---

[1] *Bem não sei*, por «bem no sei».

Os olhos do meu amor,
Andam em leilão na praça;
Num há dinheiro que pague
Olhinhos de tanta graça.

Os olhos do meu amor
São dois navios de guerra;
No meio daquele mar,
Atiro balas p'ra terra.

Ó Vila Real alegre,
Ninguém te quer mais do que eu;
Eu hei-de vencer a guerra
Onde o S. João nasceu.

Passas por mim, não me salvas,
Nem o teu chapéu me tiras,
É certo que te dissero
De mim algumas mentiras.

Perdi minha cana verde
No terreiro, a dançar;
Quem achar a cana verde
Faz o favor de ma dar.

Por cima desta ramada,
Corre vides cum anéis;
Por via de ti, menina,
Padeço penas cruéis.

Que linda, Se [1] *Joaquina!*
Parece-me uma condessa...
Anda vestidinha à moda
E de quico na cabeça.

Quem te disse, meu amor,
Qu'eu a dormir suspirava?
Quem to disse, não mintiu,
Qu'eu alguns suspiros dava.

Quem tiver filhas no mundo,
Não diga das malfadadas;
As que andam hoje no fado
Também nasceram honradas.

Quem tiver um chapéu velho,
P'lo amor de Deus m'o venda;
Eu sou um pobre tendeiro,
Não tenho que pôr na tenda.

Querer bem não é pecado,
Nem o confessor o quita;
Mais pecado é deixar-te,
Minha felor *tão bonita.*

Raparigas do meu tempo,
Agora chorai por mim;
Eu vou dar a minha mão
Pelas secula *sem fim.*

---

[1] Por Senhora.

Rosa branca, anda comigo,
Deixa ficar a roseira!
Não me posso apartar
Da rosa que tão bem cheira...

Sameei *na minha horta*
O brio das raparigas (1);
Nasceu-me uma rosa branca,
Cercada de margaridas.

Sameei *na minha horta*
Tremoços e bacalhau;
Nasceu-me um frade capucho,
Apegado a um pau.

Sameei *trigo no monte,*
Nasceu-me só meia leira;
Quando nasceram os homes,
Nasceu fraca sementeira.

Se fores ao Porto,
À Ribeirinha,
Açama as saias bem açamadas,
Que não as molhes
Nas esfolhadas...

Sei um saco de cantigas
E mais uma taleigada;
Para as cantigas qu'eu sei
Ainda não cantei nada.

---

(1) Alusão à virgindade.

Todo o mar arrodeei
C'hũa *vela branca acesa;*
Todo lo *mar achei firme,*
Só no teu peito brandeza.

Viv'ó Portugal!
Ó meu bem, meu bem,
Que quem lá fica, fica,
Quem lá vem, lá vem.

Vós dizes *o que* senofica ([1])
A hortelã à janela?
Senofica *lealdade:*
Há bem pouca nesta terra.

Vós dizes *que* senofica?
O qu'há-de senoficar?!
A salsa pelas paredes
Sem na ninguém semear...

Vou m'embora de meu amo,
Não lhe devo nenhum dia,
Antes ele deve a mim
As noites que num *dormia.*

Vou-me por aqui abaixo
Como quem não vai a nada:
Abanar uma p'reirinha,
Que nunca foi abanada.

([1]) Significa.

Um namorado pede de beber à namorada:

— Não me dás de beber
Da raiz do coração?
— Da serra donde tu vens
Nem fontes nem poços hão?

*

Daquela janela,
Daquela do meio,

Estribilho

Dança o tira-tira,
Dança o tira-tom
Dança o tira-tira,
No meu coração.

De lá me acenaram
C'o lencinho feio.

Estribilho

Dança o tira-tira,
... ...

Daquela janela,
Daquela de cima,

Estribilho

Dança o tira-tira,
… … … … …

*De lá m'*acinaram
Com cambraia fina.

Estribilho

Dança o tira-tira,
… … … … …

Daquela janela,
Daquela de fora (1),

Estribilho

Dança o tira-tira,
… … … … …

(1) Esta interessante composição mostra um dos casos em que o estribilho aparece intercalado e no fim das quadras. A última está incompleta, pois lhe faltam o 3.º e 4.º versos.

ÍNDICE DOS TÍTULOS

Levam asterístico os números dotados de ilustração musical

ÍNDICE DOS INCIPITS DOS TEXTOS

ÍNDICE GERAL

Os números com ilustração musical levam um asterístico

ERRATA

Pág. 21. Linha 12. «Versos» e não «verbos»

OBRAS EDITADAS PELA CÂMARA MUNICIPAL DE SANTO TIRSO

O Concelho de Santo Tirso — Boletim cultural (1951-1958) — Estão publicados cinco volumes e o 1.º fascículo do volume VI.

Subsídios para a História de Santo Tirso, por Dr. António Augusto Pires de Lima — Porto, 1953.

Descrição do Concelho de Santo Tirso contida no Dicionário do P.e Luís Cardoso — Porto, 1955.

Exposição de Arte Sacra do Concelho de Santo Tirso — Introdução e Catálogo, por Dr. Adriano de Gusmão — Porto, 1955.

O Mosteiro e a Igreja de Santo Tirso, por Dr. Carlos de Passos — Porto, 1956.

Santo Tirso — Ligeiros apontamentos para uma monografia, por Carlos Manuel Faya Santarém — Porto, 1956.

Pedras de Armas do Concelho de Santo Tirso (heráldica de família), por Vaz-Osório da Nóbrega — Porto, 1957.

Câmara Municipal de Santo Tirso — Actividade municipal durante o período decorrido entre Maio de 1951 e Maio de 1957, por Dr. Alexandre Lima Carneiro — Porto, 1957.

Cancioneiro de Monte Córdova, por Dr. Alexandre Lima Carneiro — Porto, 1958.